

RESULTADOS DA PESQUISA COM
OS FREQUENTADORES,
ADMINISTRADORES E MEMBROS
DOS CONSELHOS GESTORES DOS
PARQUES MUNICIPAIS

Apresentação

Este relatório de diagnóstico apresenta os resultados de parte das diferentes etapas do processo participativo na elaboração do Plano Municipal de Áreas Protegidas, Áreas Verdes e Espaços Livres (PLANPAVEL). Cabe lembrar que o processo participativo está previsto no Plano Diretor Estratégico como fundamento para a elaboração, implementação e acompanhamento do Plano e dos demais planos, programas e projetos setoriais, regionais, locais e específicos, entre os quais inclui-se o PLANPAVEL. Além de também ser uma obrigação legal prevista no Estatuto da Cidade, visando o fortalecimento da gestão democrática nos processos de planejamento urbano.

Os resultados apresentados neste relatório também se pautam no princípio da Gestão Democrática, que compreende “a garantia da participação de representantes dos diferentes segmentos da população, diretamente ou por intermédio de associações representativas, nos processos de planejamento e gestão da cidade, de realização de investimentos públicos e na elaboração, implementação e avaliação de planos, programas e projetos de desenvolvimento urbano”. Tal princípio, além de se constituir em um dos princípios orientadores do Plano Diretor Estratégico (PDE), segue a orientação do documento base para a elaboração do PLANPAVEL, que recomenda a abordagem participativa em todas as etapas da constituição do diagnóstico.

Desta forma, os conteúdos sob a responsabilidade deste subgrupo não se constituem em um fim por si só, mas sim em meios para alcançar todos os outros objetivos do plano. Assim, os resultados aqui apresentados não se referem especificamente a nenhum dos conteúdos mínimos previstos para o PLANPAVEL, mas permeiam todos eles como um princípio subjacente.

Desta forma, um diagnóstico da situação atual de parte dos constituintes do Sistema Municipal de Áreas Protegidas, Áreas Verdes e Espaços Livres (SAPAVEL), foi elaborado com base nos resultados colhidos de:

- 1) pesquisa on-line, com frequentadores, administradores e conselheiros de parques do município, e
- 2) de oficinas participativas amplamente divulgadas, convidando a população a participar.

1. Pesquisa sobre a percepção dos frequentadores, conselheiros e administradores dos parques urbanos do município de São Paulo

1.1 Frequentadores dos parques

Responderam ao questionário on-line 3071 pessoas. Este questionário ficou disponível 47 dias para resposta, durante o período do dia 15 de setembro de 2019 ao dia 31 de outubro de 2019.

Com relação ao gênero, os respondentes se distribuíram da seguinte forma: 60,3% do gênero feminino, 38,2% do gênero masculino e 1,5% pertencentes a outros gêneros. Quanto a autodeclaração de características étnico-raciais os respondentes são predominantemente brancos (66,1%), seguidos por pardos (20,3%), pretos (7,5%), amarelos (5,4%) e indígenas (0,8%). A maior parte dos respondentes possui renda familiar de 2 a 5 salários mínimos (32,3%), seguidos por aqueles com renda de 5 a 10 salários mínimos (25,4%), mais de 10 salários mínimos (17,2%), 1 a 2 salários mínimos (17,0%) e até 1 salário mínimo (8,0%). Quanto ao grau de instrução, 38,4% dos respondentes possui ensino superior completo, 28,4% pós graduação, 27,3% ensino médio completo, 4,4% ensino fundamental completo e 1,5% possuem ensino fundamental incompleto ou não possuem instrução alguma. Em comparação com o perfil do município de São Paulo, nota-se que responderam à pesquisa mais pessoas do gênero feminino ($X^2=88,6$; $p<0,001$; Figura 1), menos pessoas pardas ($X^2=381,9$; $p<0,001$;

Figura 2), com maior renda ($X^2=3129,2$; $p<0,001$; Figura 3) e grau de instrução ($X^2=2916,4$; $p<0,001$; Figura 4).

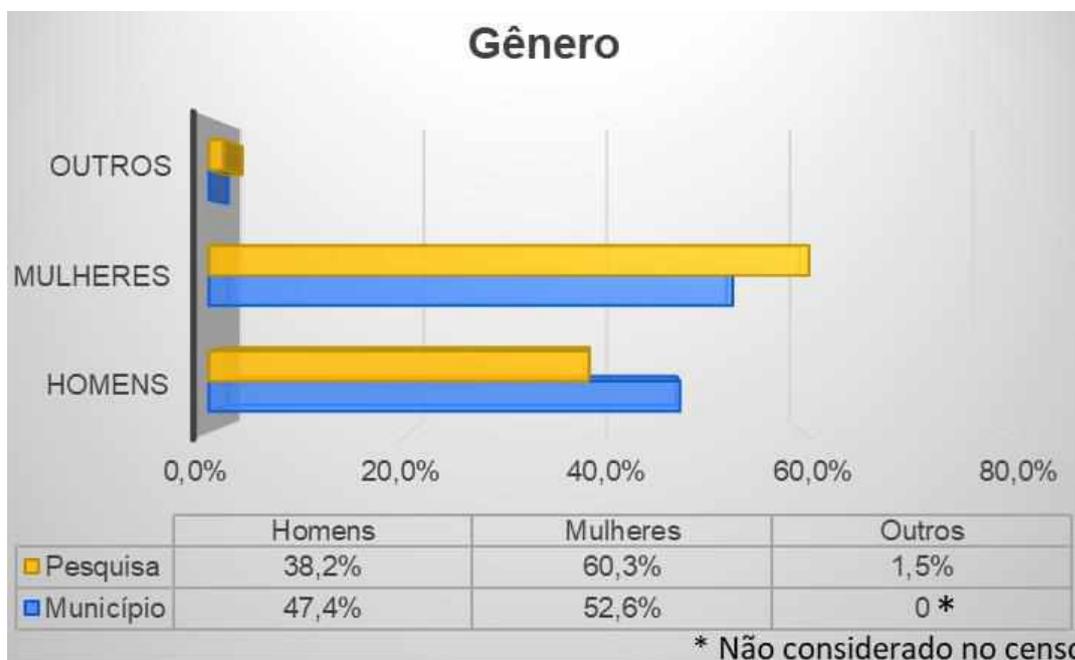


Figura 1: Distribuição de frequências de gênero dos respondentes da pesquisa on-line sobre os parques do município de São Paulo, em comparação com a distribuição no município de São Paulo.

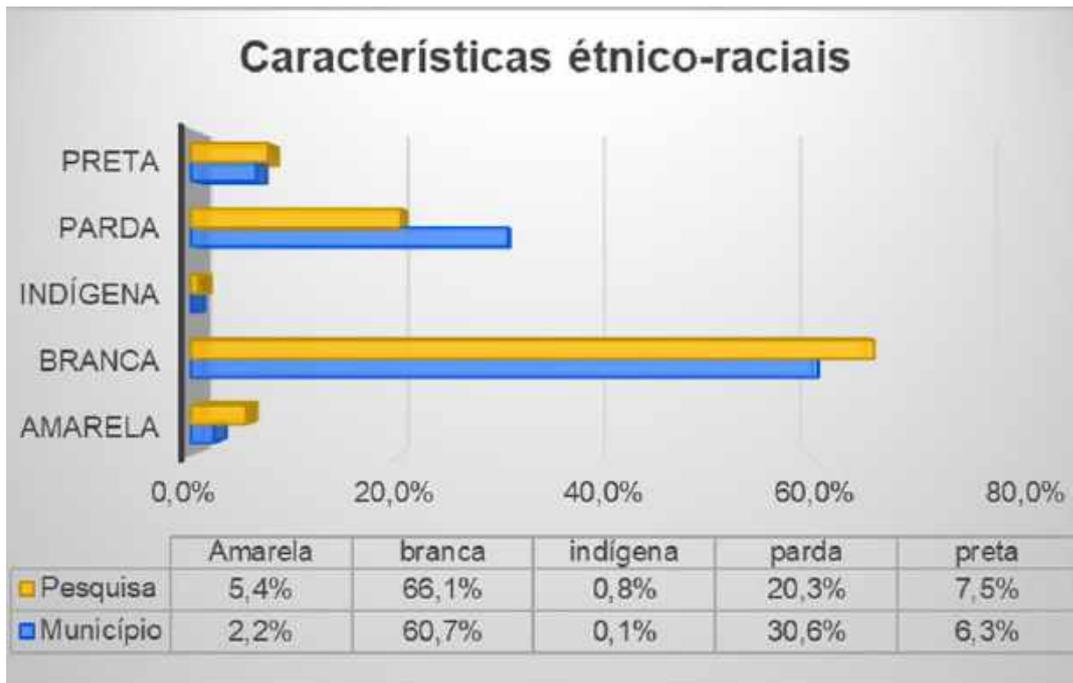


Figura 2: Distribuição de frequências das características étnico-raciais dos respondentes da pesquisa on-line sobre os parques do município de São Paulo, em comparação com a distribuição no município de São Paulo.

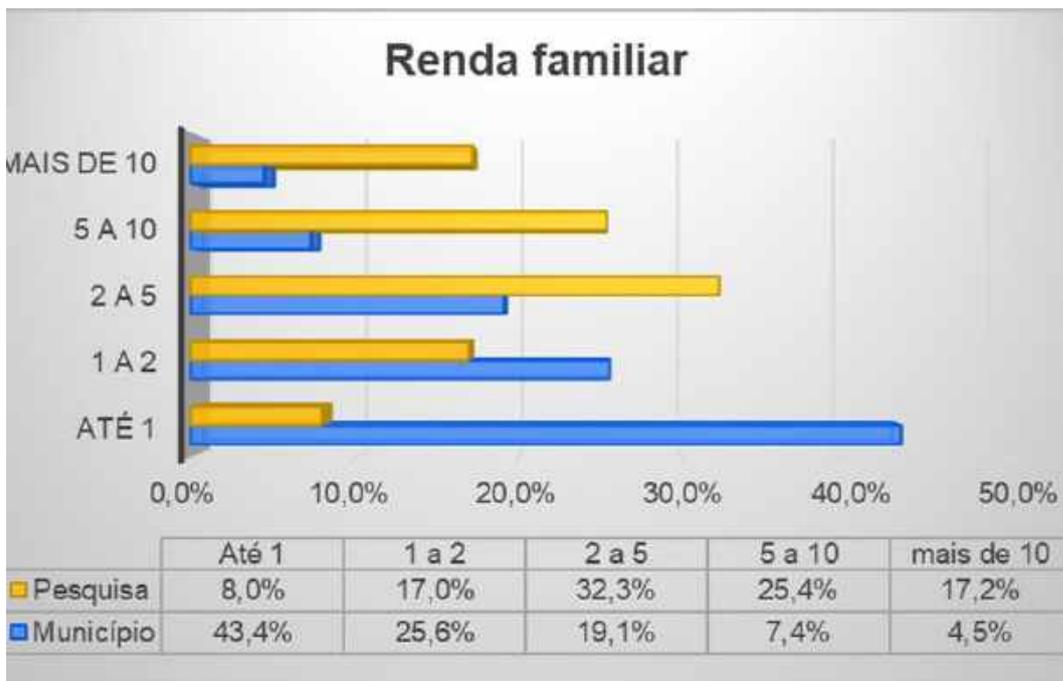


Figura 3: Distribuição de frequências da renda familiar dos respondentes da pesquisa on-line sobre os parques do município de São Paulo, em comparação com a distribuição no município de São Paulo.



Figura 4: Distribuição de frequências do grau de instrução dos respondentes da pesquisa on-line sobre os parques do município de São Paulo, em comparação com a distribuição no município de São Paulo.

Do total de 3071 respondentes, 2820 (92%) assinalaram que frequentam algum parque e 251 (8%) informaram que não frequentam (Figura 5).



Figura 5: Frequência dos participantes da pesquisa online sobre parques que frequentam e que não frequentam os parques do município de São Paulo.

Dentre os participantes que disseram não frequentar parques, o principal motivo alegado foi a distância em relação à residência, seguido por insegurança, falta de manutenção das áreas verdes, falta de equipamentos de lazer e recreação, falta de equipamentos de esporte e falta de equipamentos para 3ª idade (Figura 6). Nota-se que os dois primeiros motivos (somando 52%) não são passíveis de modificação no curto prazo, ou não estão sob domínio direto de quem administra os parques. No entanto, os próximos quatro motivos (somando 41% das respostas), estão e poderiam ser modificados no curto prazo.



Figura 6: Motivos para não frequentar os parques alegados pelos respondentes da pesquisa on-line sobre parque do município de São Paulo para não frequentar os parques do município de São Paulo.

Comparando os frequentadores dos parques com os não frequentadores, não são notadas diferenças significativas na distribuição de frequências com relação ao gênero ($X^2=4,09$; $p=0,129$; Figura 7), características étnico-raciais ($X^2=1,26$; $p=0,869$; Figura 8) e renda familiar ($X^2=4,45$; $p=0,349$; Figura 9). Quanto ao grau de instrução, os respondentes que frequentam parques possuem significativamente maior grau de instrução do que os que não frequentam ($X^2=16,72$; $p=0,002$; Figura 10).

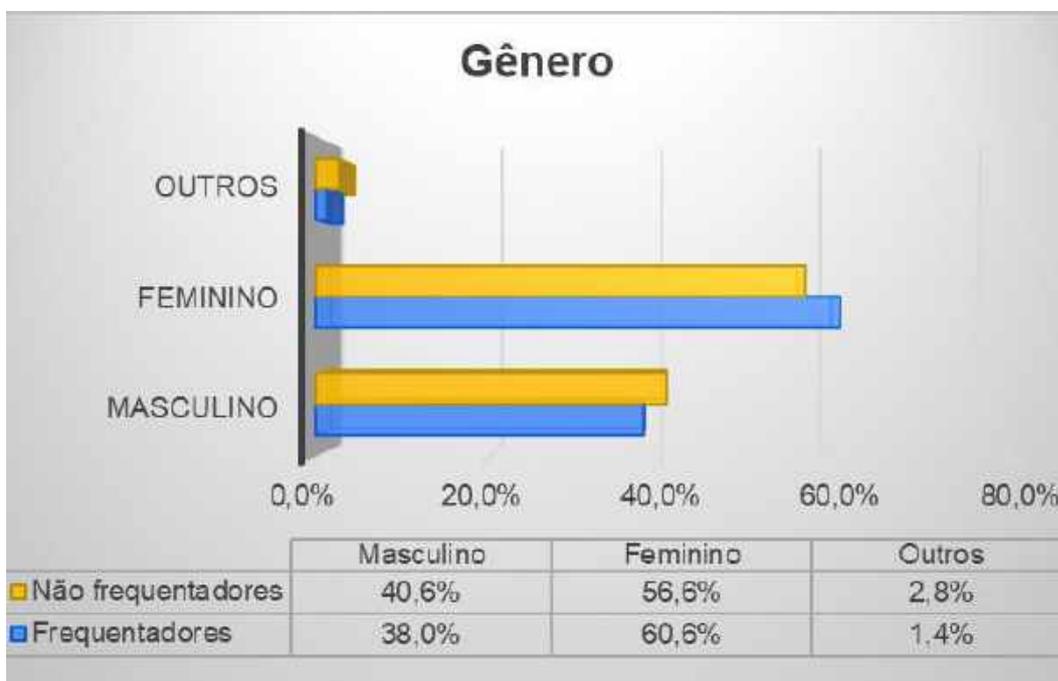


Figura 7: Distribuição de frequências de gênero dos respondentes da pesquisa on-line sobre os parques do município de São Paulo, comparando frequentadores e não frequentadores de parques.



Figura 8: Distribuição de frequências das características étnico-raciais dos respondentes da pesquisa on-line sobre os parques do município de São Paulo, comparando frequentadores e não frequentadores de parques.

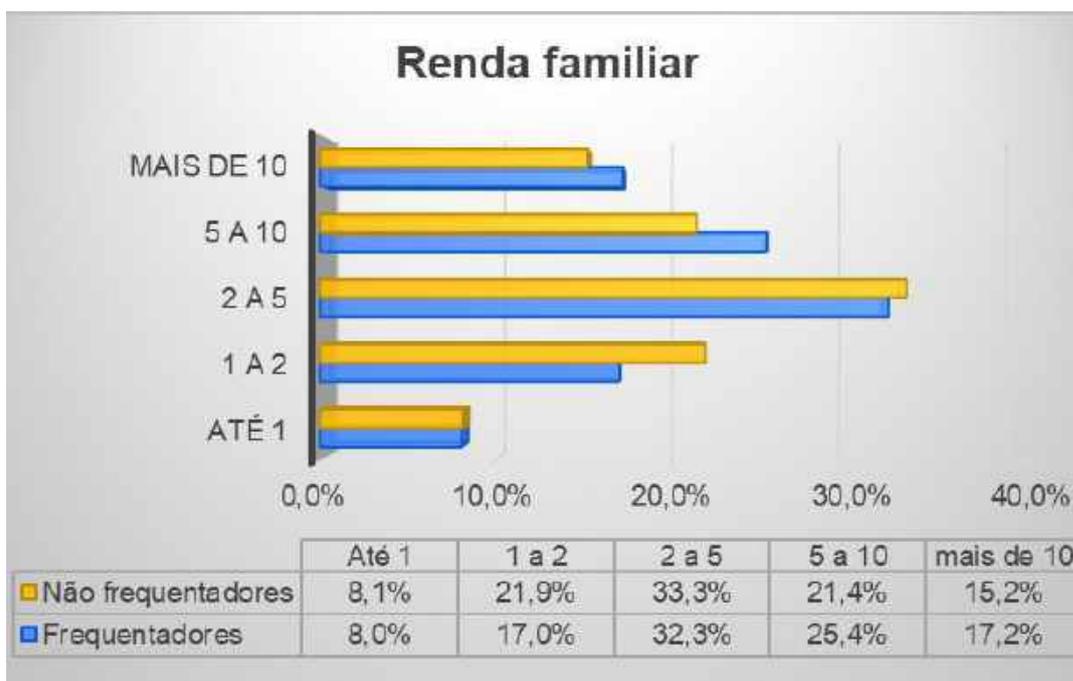


Figura 9: Distribuição de frequências da renda familiar dos respondentes da pesquisa on-line sobre os parques do município de São Paulo, comparando frequentadores e não frequentadores de parques.

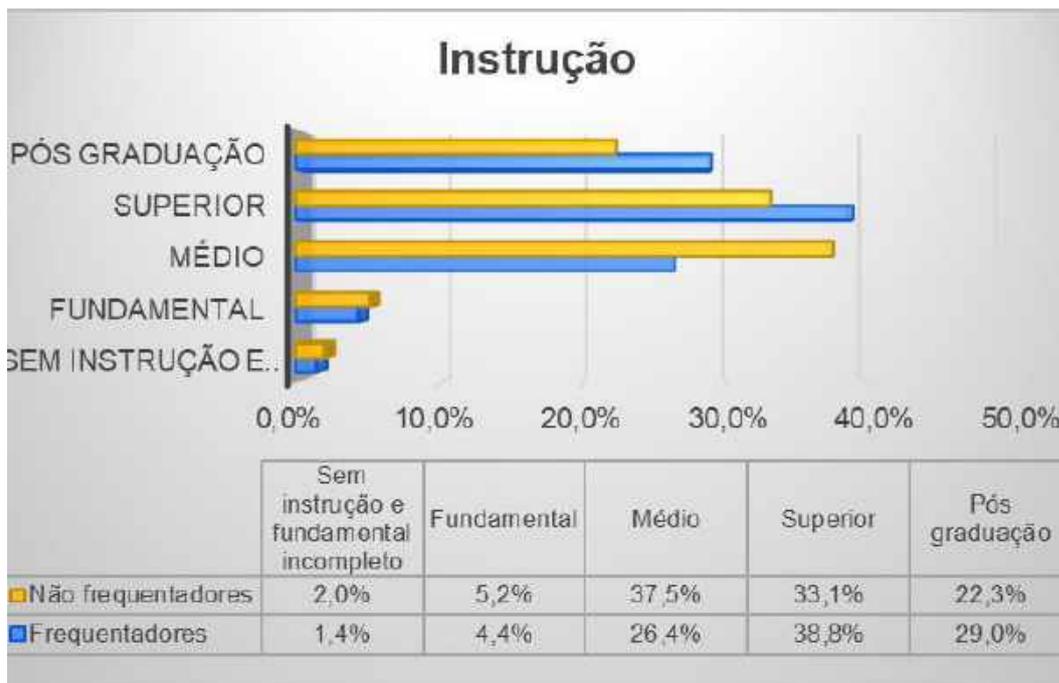


Figura 10: Distribuição de frequências do grau de instrução dos respondentes da pesquisa on-line sobre os parques do município de São Paulo, comparando frequentadores e não frequentadores de parques.

Com relação à estrutura etária, os frequentadores de parques que responderam à pesquisa apresentam uma pirâmide etária com base mais estreita e de meio mais alargado do que ocorre no município, mostrando uma frequência maior de pessoas de meia idade do que ocorre no município (Figura 11).

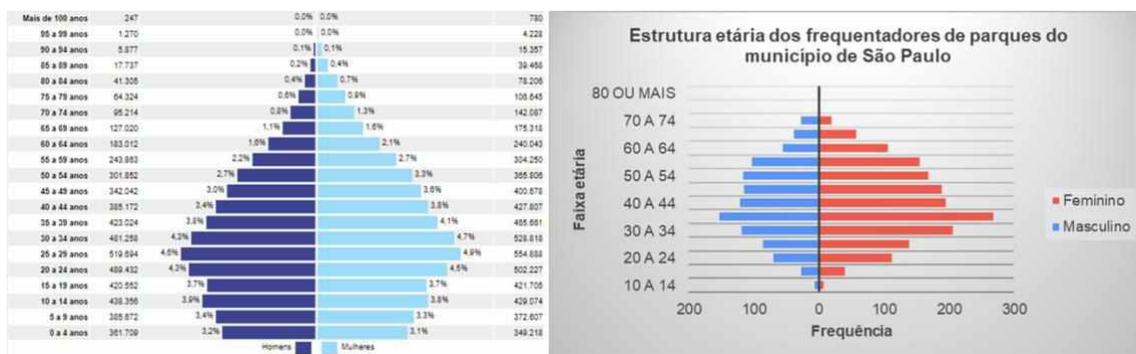
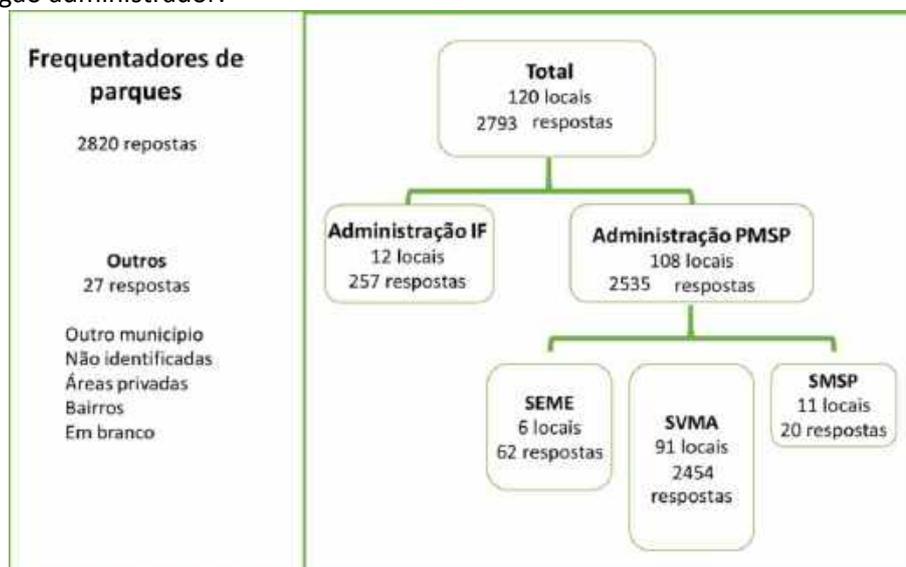


Figura 11: Pirâmides etárias dos habitantes do município de São Paulo, de acordo com os dados do censo de 2010 (à esquerda; Fonte: IBGE), e dos frequentadores dos parques do município de São Paulo que responderam à pesquisa (à direita).

Dos 2820 respondentes que disseram frequentar algum parque, para 27 deles não foi possível a identificação do local, ou o local não se aplicavam às perguntas feitas na pesquisa. Nesta categoria estão parques fora do município, ruas, bairros inteiros, locais particulares (Sesc) ou cuja resposta foi simplesmente deixada em branco. As respostas dos outros 2793 participantes se distribuiu da seguinte maneira: foram escolhidos 120 locais para resposta, dos quais 12 não são administrados pela PMSP (257 respostas). Dos 108 locais administrados pela PMSP, 6 são responsabilidade da SEME (62 respostas) e 11 são praças administradas pela

SMSUB (20 respostas). Os 91 locais restantes (2454 respostas), são parques administrados pela SVMA (Quadro 1).

Quadro 1: Distribuição das respostas dos frequentadores de parques do município, separados pelo órgão administrador.



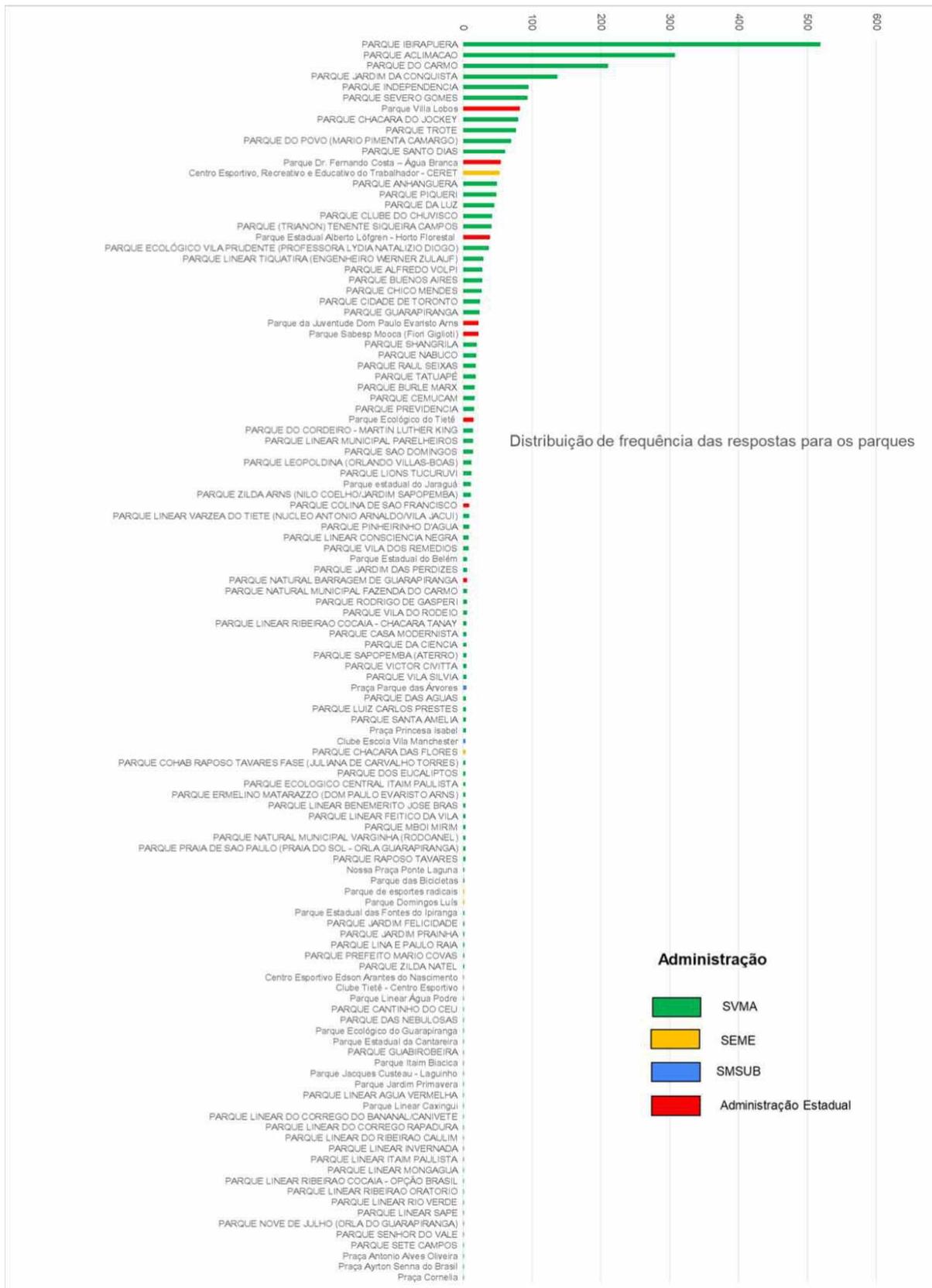


Figura 12: Distribuição da frequência dos respondentes, quanto ao parque que escolheram responder a pesquisa.

A distribuição das respostas dentre os locais não foi uniforme, onde 20 parques concentraram 77,2% das respostas e os outros 100 contaram apenas com 22,8%. Dos cinco

parques com o maior número de respostas, o Parque Ibirapuera figura em primeiro lugar (18,7% das respostas), seguido pelo Parque da Aclimação (11,1%), Parque do Carmo (7,6%), Parque Jardim da Conquista (4,9%) e Parque da Independência (3,4%). 33 parques contaram com apenas uma resposta (Figura 12).

Os frequentadores de parque que responderam à pesquisa são oriundos do município em sua maioria (96,2%). No entanto, 3,4% dos respondentes residem em municípios da Região Metropolitana de São Paulo e 0,4% em outros municípios. Dentre os residentes no município de São Paulo, as respostas não se distribuem uniformemente nos 96 Distritos Administrativos (Figura 12), onde em primeiro lugar está o Distrito de Vila Mariana, com 152 respondentes (5,7%), seguido por Santo Amaro com 131 respondentes (4,9%), São Mateus, com 127 (4,8%) e Butantã com 124 respondentes (4,6%). Não responderam à pesquisa moradores de três Distritos: Pari, Jardim Helena e Cachoeirinha. A figura 13 mostra uma discreta concentração das respostas dentro do centro expandido da cidade, com alguns pontos de exceção como São Mateus e Itaquera.

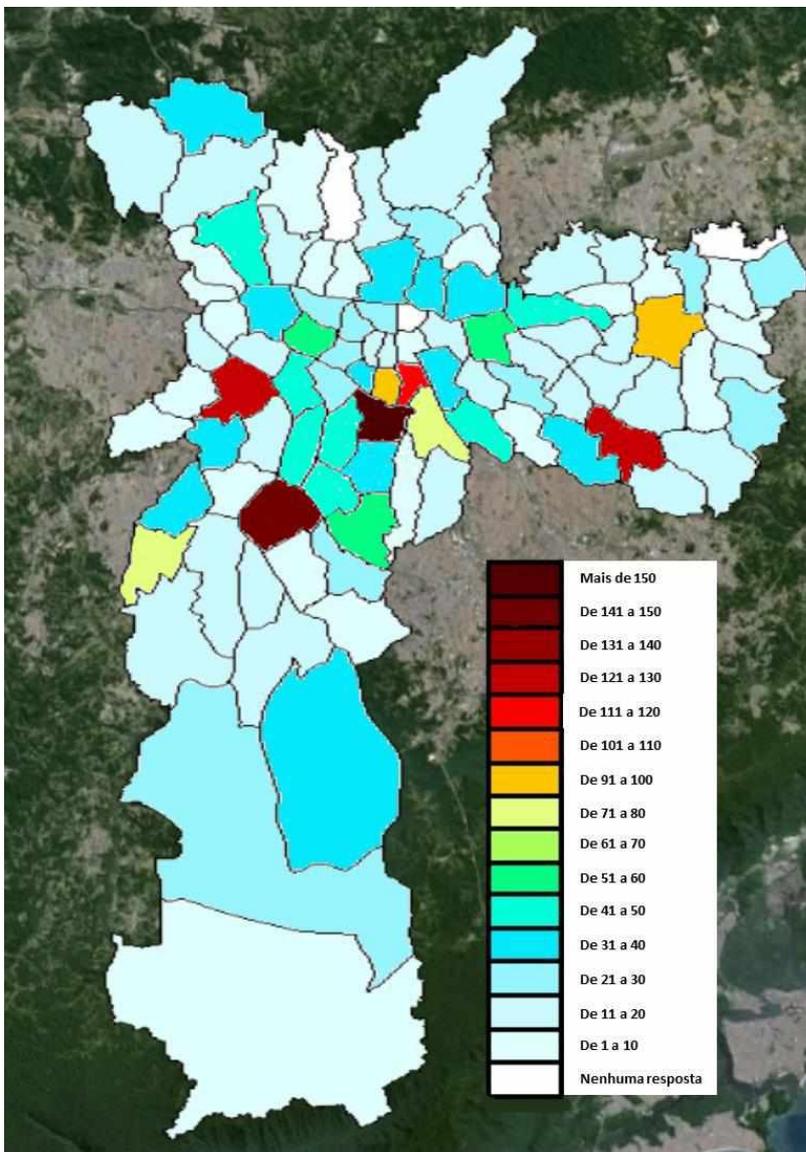


Figura 13: Distribuição da frequência dos respondentes da pesquisa on-line sobre parques do município de São Paulo, quanto ao Distrito Administrativo de residência.

Quanto à frequência de visitação, pouco menos da metade dos respondentes (42,6%) vão semanalmente aos parques, enquanto que 21,8% os frequentam esporadicamente (Figura 14). Com relação ao modal mais utilizado (Figura 15), a maior parte vai aos parques a pé (41,6%), seguido pelo automóvel (33,4%). O ônibus aparece em terceiro lugar (12,8%) e a bicicleta em quarto (6,0%). Nota-se uma associação significativa entre visitas mais frequentes e a bicicleta ($\chi^2 10,72$; $p < 0,05$) e a pé ($\chi^2 187,51$; $p < 0,001$), e uma associação do automóvel ($\chi^2 57,18$; $p < 0,05$), ônibus ($\chi^2 135,59$; $p < 0,001$) e metrô ($\chi^2 31,05$; $p < 0,05$), com visitas menos frequentes. Não foram encontradas associações significativas entre a frequência de visitação e os modais moto e táxi (Tabela 1).

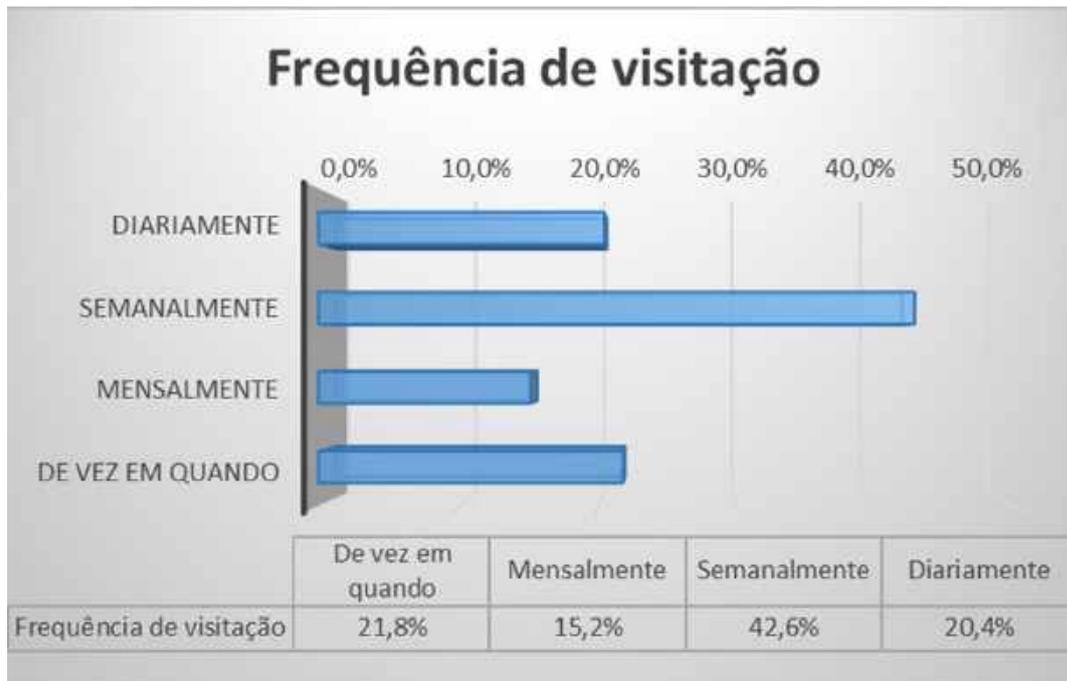


Figura 14: Frequência de visitação aos parques do município de São Paulo.

Mais da metade dos frequentadores que responderam à pesquisa chegam ao parque em até 10 minutos (56,7%). 30,4% levam até 30 minutos, 8,6% até uma hora e 4,4% demoram mais do que uma hora para chegar ao parque (Figura 16). Por outro lado, 51,5% percorrem mais do que 1000 metros para chegarem ao parque, 21,0% entre 500m e 1km, 14,1% de 300m a 500m e apenas 13,4% percorre menos do que 300m para chegar ao parque (Figura 17). No, entanto, nota-se uma correlação positiva ($T=0,375$; $p < 0,001$; Tabela 2), entre distância percorrida e tempo, conforme o esperado, onde quem percorre uma distância maior, tende a levar mais tempo para chegar no parque.

Tabela 1: Distribuição de frequência do modal utilizado pelos frequentadores em relação a frequência de visitação aos parques do município de São Paulo. Destaque (em vermelho) para a associação entre a frequência de visitação e o modal mais utilizado.

	A pé	Bicicleta	Ônibus	Metrô	Carro	Taxi/app	Moto
Diariamente	32,3%	18,2%	9,6%	11,4%	11,5%	3,6%	20,0%
Semanalmente	48,0%	54,7%	24,0%	27,6%	42,9%	46,4%	40,0%
Mensalmente	6,6%	11,2%	27,8%	26,8%	19,9%	17,9%	16,0%
Esporadicamente	13,0%	15,9%	38,6%	34,1%	25,7%	32,1%	24,0%



Figura 15: Distribuição de frequência dos modais utilizados pelos frequentadores para chegar aos parques do município de São Paulo.



Figura 16: Distribuição de frequências do tempo que os frequentadores levam para chegar aos parques do município de São Paulo.



Figura 17: Distribuição de frequências da distância que os frequentadores percorrem para chegar aos parques do município de São Paulo.

Tabela 2: Distribuição de frequências do tempo levado pelos frequentadores chegarem aos parques do município de São Paulo, com relação a distância percorrida. A linha vermelha mostra o sentido da correlação.

	Até 300 metros	Entre 300 e 500 metros	Entre 500 e 1000 metros	Mais de 1000 metros
Até 10 minutos	85,9%	78,9%	74,0%	35,9%
De 10 a 30 minutos	9,6%	15,2%	20,7%	43,9%
De 30 minutos a uma hora	2,7%	3,3%	3,9%	13,5%
Mais de uma hora	1,9%	2,5%	1,4%	6,7%

Apenas 17% dos respondentes conhecem o conselho gestor do parque. Desse percentual, 70% busca o conselho para tratar de questões sobre o parque (Figura 18). O fato de conhecer ou não o conselho não tem relação com o gênero ($\chi^2 4,13$; $p=0,127$), no entanto, dentre pessoas de etnia indígena o conhecimento sobre o conselho é maior ($\chi^2 16,13$; $p=0,003$). O grau de conhecimento sobre o conselho gestor também foi influenciado pela renda e escolaridade, onde pessoas com menor renda ($\chi^2 31,05$; $p<0,05$) e menor escolaridade ($\chi^2 31,05$; $p<0,05$), apresentam maior frequência de conhecimento sobre o conselho gestor (Figura 19).

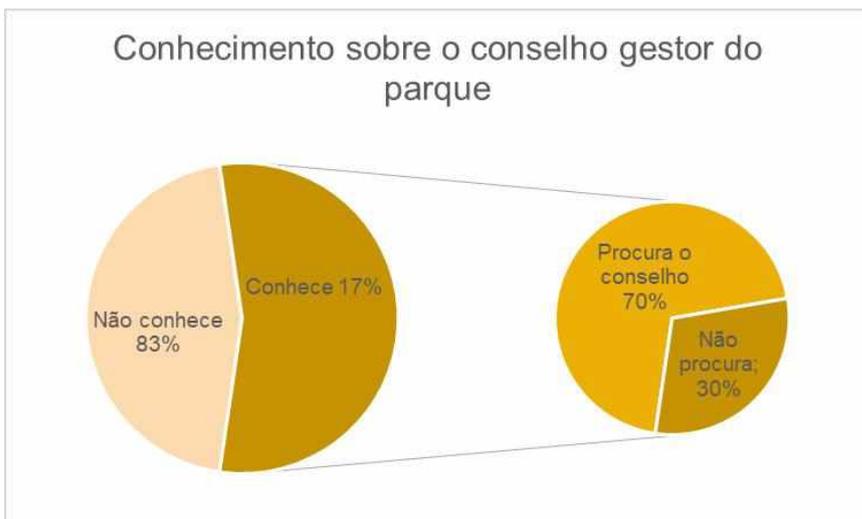


Figura 18: Distribuição de frequências sobre o conhecimento e uso do conselho gestor do parque por parte dos frequentadores dos parques do município de São Paulo.

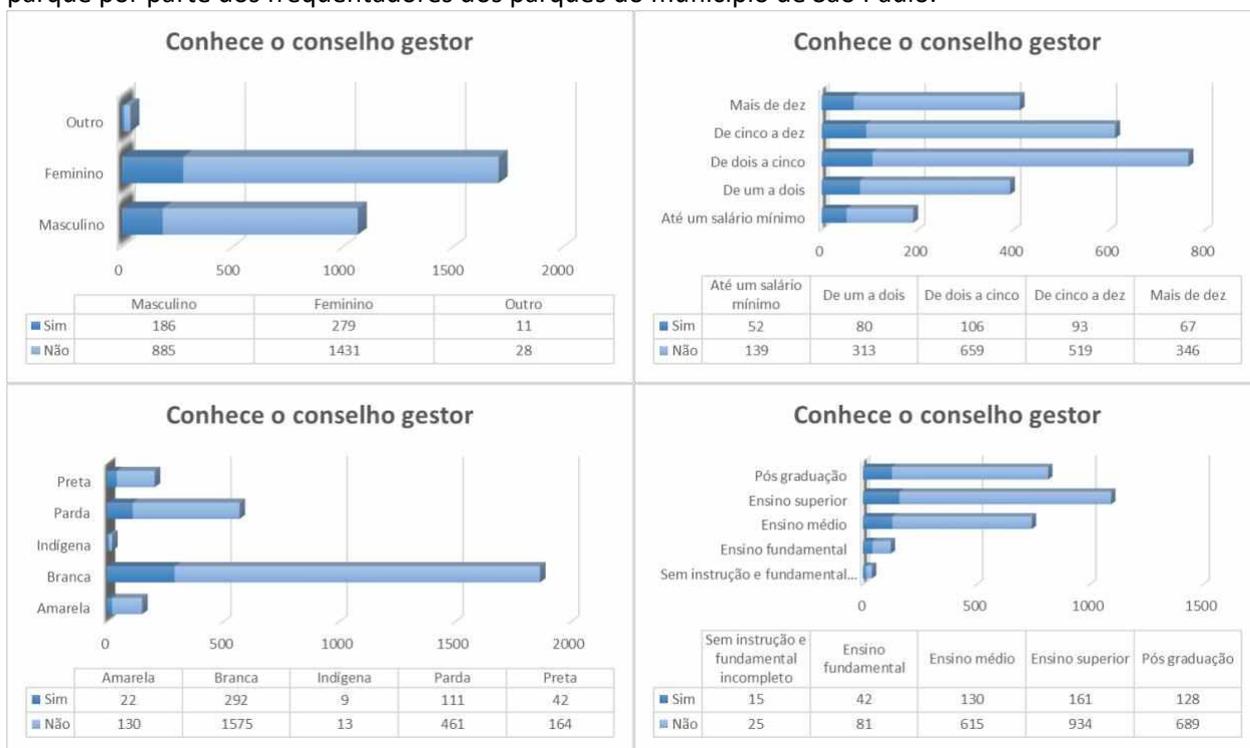


Figura 19: Distribuição de frequências sobre o conhecimento do conselho gestor do parque por parte dos frequentadores dos parques do município de São Paulo, com relação ao gênero, renda, características étnico-raciais e escolaridade.

A frequência de uso do conselho gestor para tratar de questões do parque não foi influenciada por gênero, renda, escolaridade ou características étnico-raciais (Figura 20).

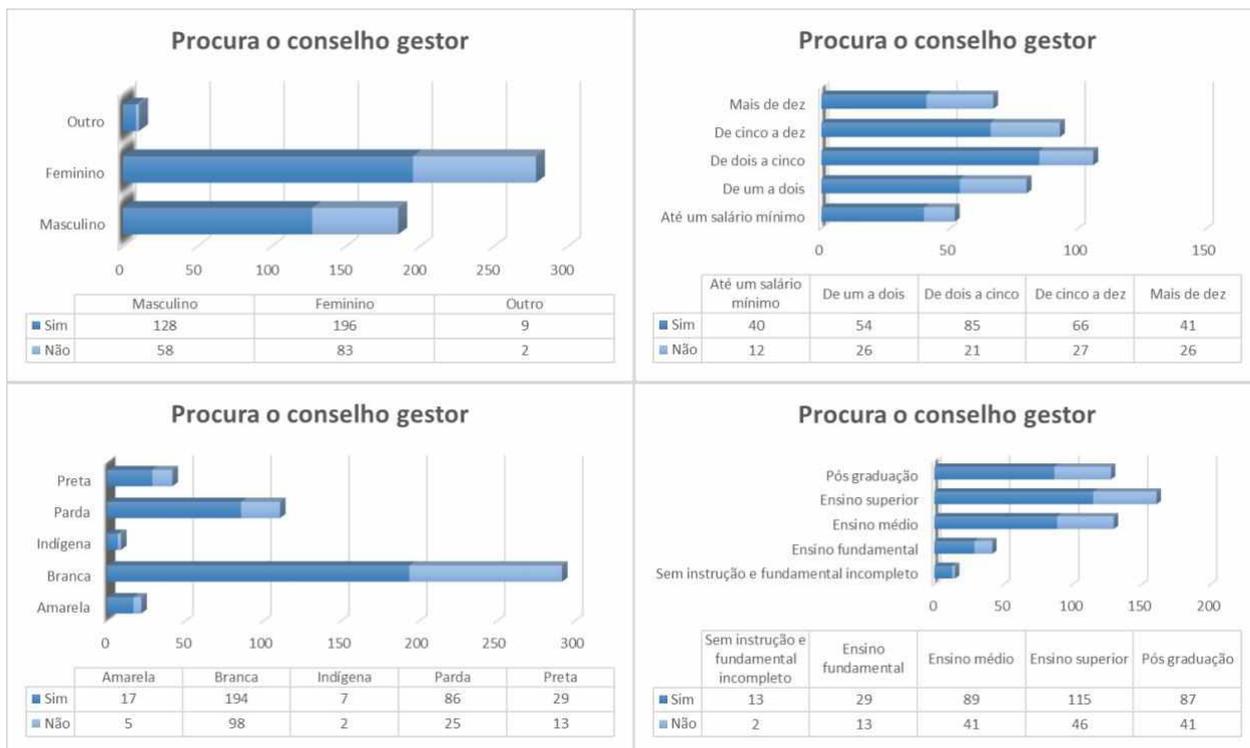


Figura 20: Distribuição de frequências sobre o uso do conselho gestor para tratar de questões relativas ao parque por parte dos frequentadores dos parques do município de São Paulo, com relação ao gênero, renda, características étnico-raciais e escolaridade.

Dentre as atividades buscadas nos parques, a maior parte dos frequentadores (22,2%) utilizam o parque para prática de esportes ou atividades físicas, seguido da contemplação e interação com a natureza (18,8%), descanso ou repouso no tempo livre (17,2%), enquanto que 12,5% levam as crianças para brincarem (Figura 21).



Figura 21: Distribuição de frequências dos principais usos e atividades realizados nos parques do município de São Paulo, pelos seus frequentadores.

Quanto aos usos potenciais dos parques (Figura 22), a maior demanda é por eventos de música, arte e cultura, onde 28,7% dos frequentadores informaram que se interessariam

por esse tipo de atividade caso fosse oferecida. A segunda maior demanda é por eventos esportivos e atividades físicas monitoradas, informada por 25,0% dos frequentadores, seguida por atividades guiadas de lazer, aventura e interação com a natureza (23,0%) e programas e cursos de educação ambiental e sustentabilidade (21,2%).



Figura 22: Distribuição de frequências das atividades de interesse dos frequentadores dos parques do município de São Paulo, caso essas atividades fossem oferecidas.

Quando indagados sobre os principais problemas encontrados nos parques (Figura 23), as três reclamações mais frequentes, somando pouco menos da metade do total foram a de áreas sem manutenção (17,3%), pouca disponibilidade de atividades de educação ambiental (16,0%) e pouca disponibilidade de serviços na área interna do parque como por exemplo aluguel de bicicletas, e comércio de alimentos (15,1%). Todas as outras reclamações, totalizando aproximadamente metade das respostas, versaram sobre lixo espalhado no parque, nos córregos e rios, animais domésticos soltos, fezes de animais, risco de queda de árvores, dentre outros. Relataram não encontrar problema algum 2,2% dos frequentadores.



Figura 23: Distribuição de frequência dos principais problemas encontrados nos parques, de acordo com os frequentadores dos parques do município de São Paulo.

Para a avaliação dos diferentes quesitos dos parques, onde cada frequentador atribuiu uma nota de 1 a cinco, onde 1 significava a pior e 5 a melhor avaliação, foi calculado um escore condensando o número de respostas de cada categoria da seguinte forma: para a nota 3 (regular) foi atribuído peso zero, para a diferença entre a quantidade de notas 2 (ruim) e 4 (bom) foi atribuído peso 1 e para a diferença entre as quantidades de notas 1 (péssimo) e 5 (excelente) foi atribuído peso 2. Foi então realizada a soma dessas duas últimas diferenças. Um valor zero significa a neutralidade, enquanto que um valor positivo significa que o quesito foi bem avaliado (quanto maior o escore, melhor a avaliação) e um número negativo significa uma má avaliação (quanto menor o escore, pior avaliado o quesito). O resultado dessa avaliação (Figura 24), mostra que apenas a sinalização viária para chegar ao parque, a disponibilidade de meios de transporte para chegar ao parque e a manutenção da vegetação obtiveram avaliação positiva. Os demais quesitos obtiveram avaliação negativa. Dentre os quesitos mau avaliados, a segurança dentro do parque, disponibilidade de lixeiras e de bancos e a manutenção e limpeza dos parques obteve uma avaliação ligeiramente negativa, dentro de um intervalo de desvio. A qualidade das calçadas, acessibilidade ao parque para pessoas com mobilidade reduzida, a disponibilidade de bebedouros, espaços para fazer refeições, sanitários, equipamentos esportivos e playgrounds, a iluminação, comunicação visual nos parques, conservação de rios e lagos e atendimento oferecido pela equipe que trabalha no parque ficaram com uma avaliação ligeiramente pior, entre um e dois desvios. A segurança no entorno do parque, disponibilidade de aparelhos para terceira idade e monitoria de educação ambiental obtiveram uma pior avaliação, ficando entre dois e três desvios e finalmente o quesito pior avaliado foi a disponibilidade de equipamentos acessíveis para pessoas com mobilidade reduzida.

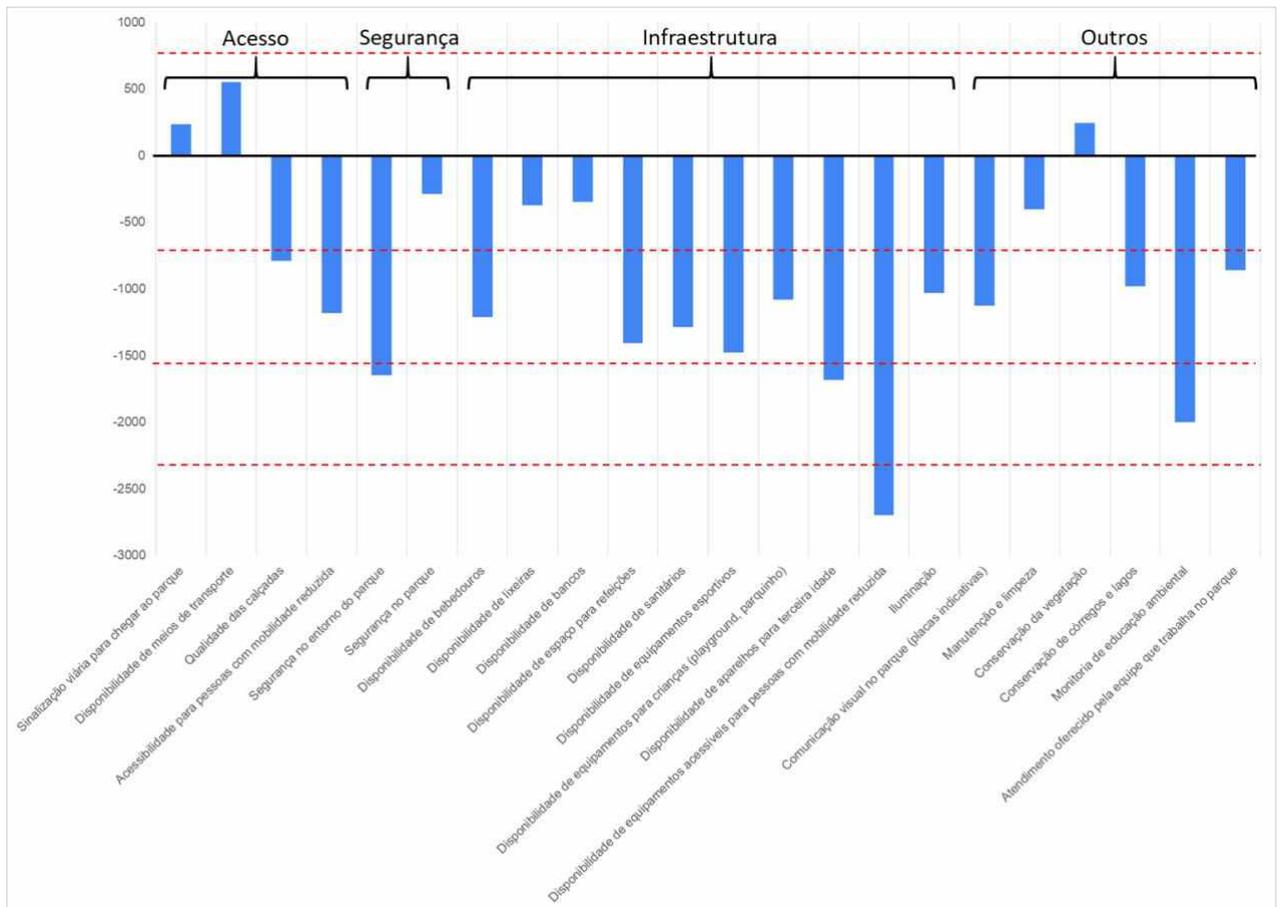


Figura 24: Escores de avaliação dos parques quanto aos quesitos de acesso, segurança, infraestrutura e outros. Cada linha vermelha tracejada representa um intervalo equivalente a um desvio padrão da média dos quesitos e foi utilizada para indicar avaliações ligeiramente negativas ou positivas (até um desvio), avaliações negativas ou positivas (entre um e dois desvios) e avaliações bastante negativas ou positivas (acima de dois desvios).

Na figura 25 está a distribuição de frequências da avaliação do acesso ao parque. Os frequentadores, apesar de avaliarem positivamente a sinalização e os meios de transporte para chegar ao parque, relatam que a qualidade das calçadas é ruim e a acessibilidade para pessoas com mobilidade reduzida é pior ainda.

Na figura 26, onde está a distribuição de frequências dos quesitos de sensação de segurança dentro e no entorno, percebe-se que os frequentadores se sentem mais seguros dentro do parque do que no seu entorno.

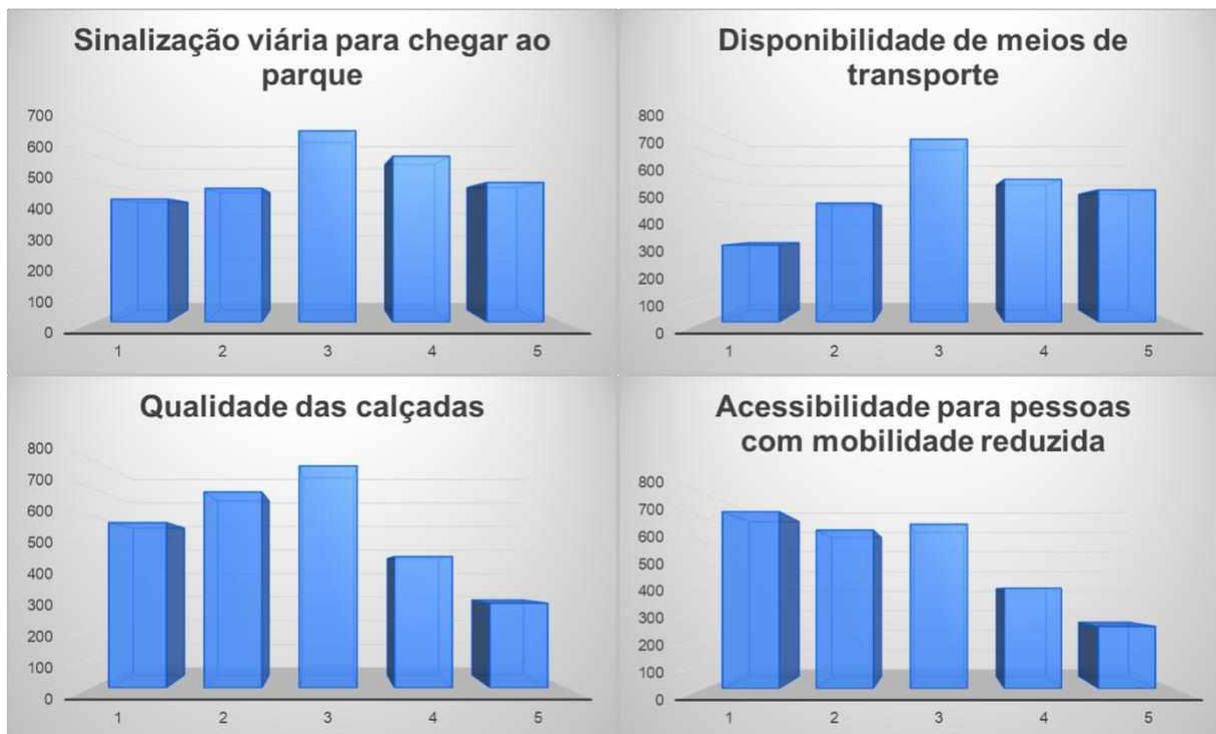


Figura 25: Distribuição de frequências da avaliação dos quesitos de facilidade de acesso ao parque pelos frequentadores dos parques do município de São Paulo.



Figura 26: Distribuição de frequências da avaliação dos quesitos de sensação de segurança pelos frequentadores dos parques do município de São Paulo.

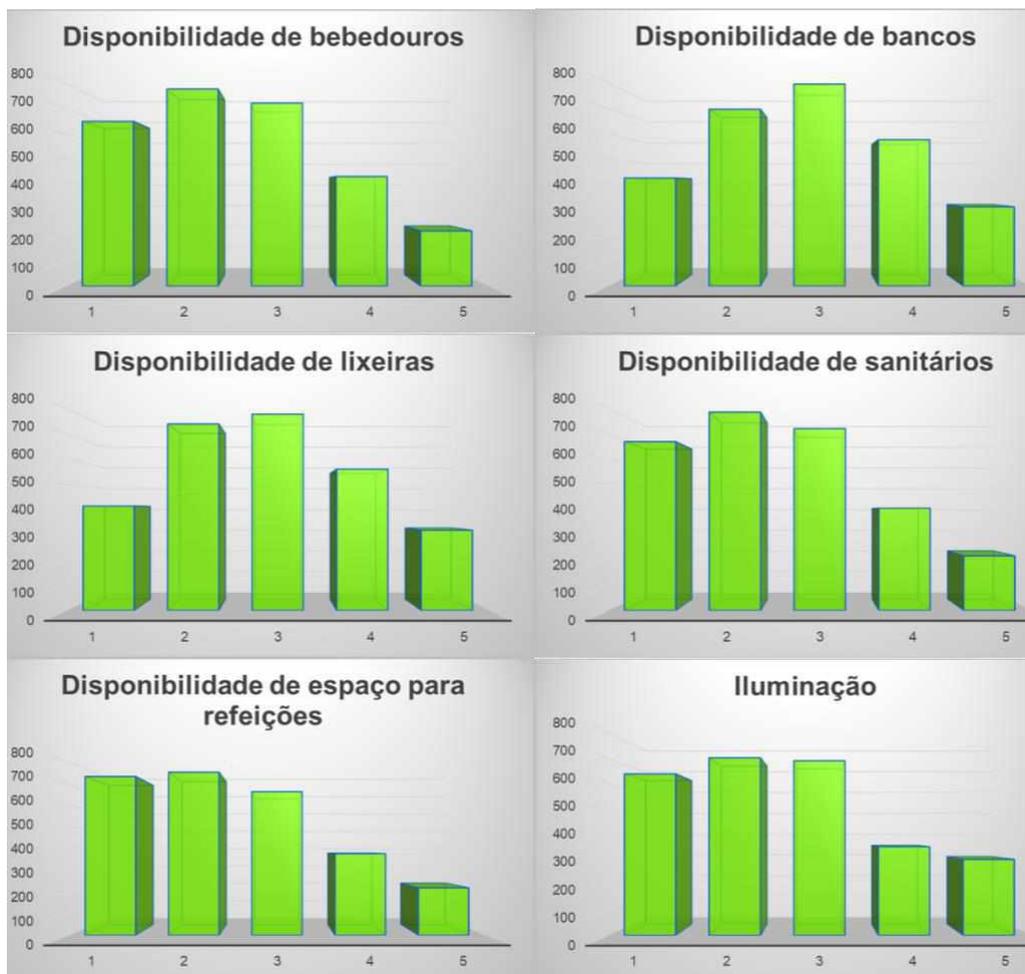


Figura 27: Distribuição de frequências da avaliação dos quesitos de infraestrutura do parque pelos frequentadores dos parques do município de São Paulo.

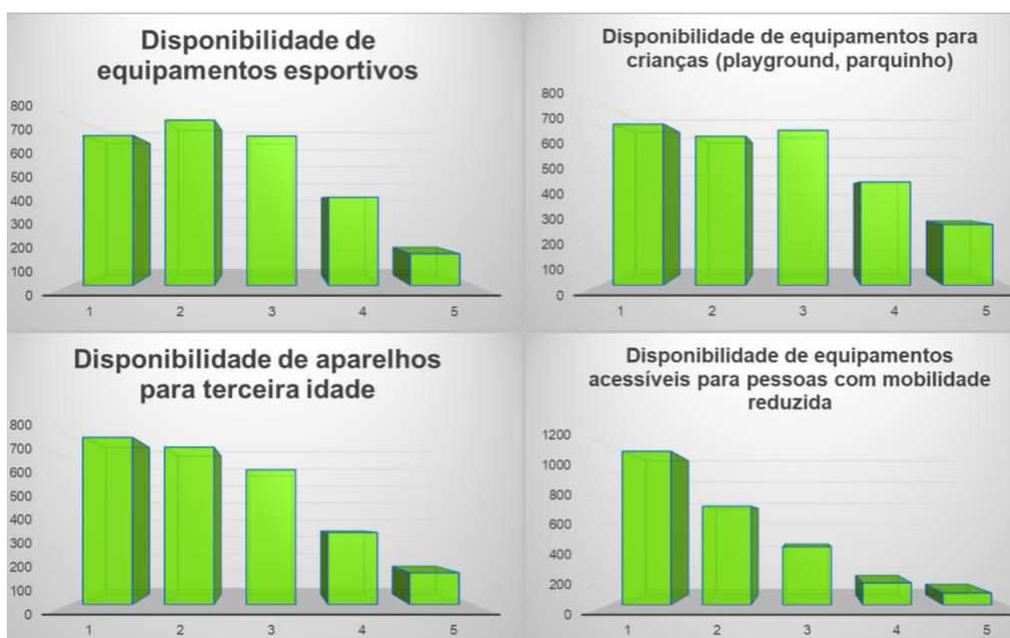


Figura 28: Distribuição de frequências da avaliação dos quesitos de infraestrutura do parque pelos frequentadores dos parques do município de São Paulo.

Nas figuras 27 e 28, onde estão as distribuições de frequência da avaliação dos quesitos de infraestrutura, nota-se uma pior avaliação referente aos equipamentos relacionados diretamente com práticas esportivas e de lazer do que aos outros quesitos de infraestrutura.

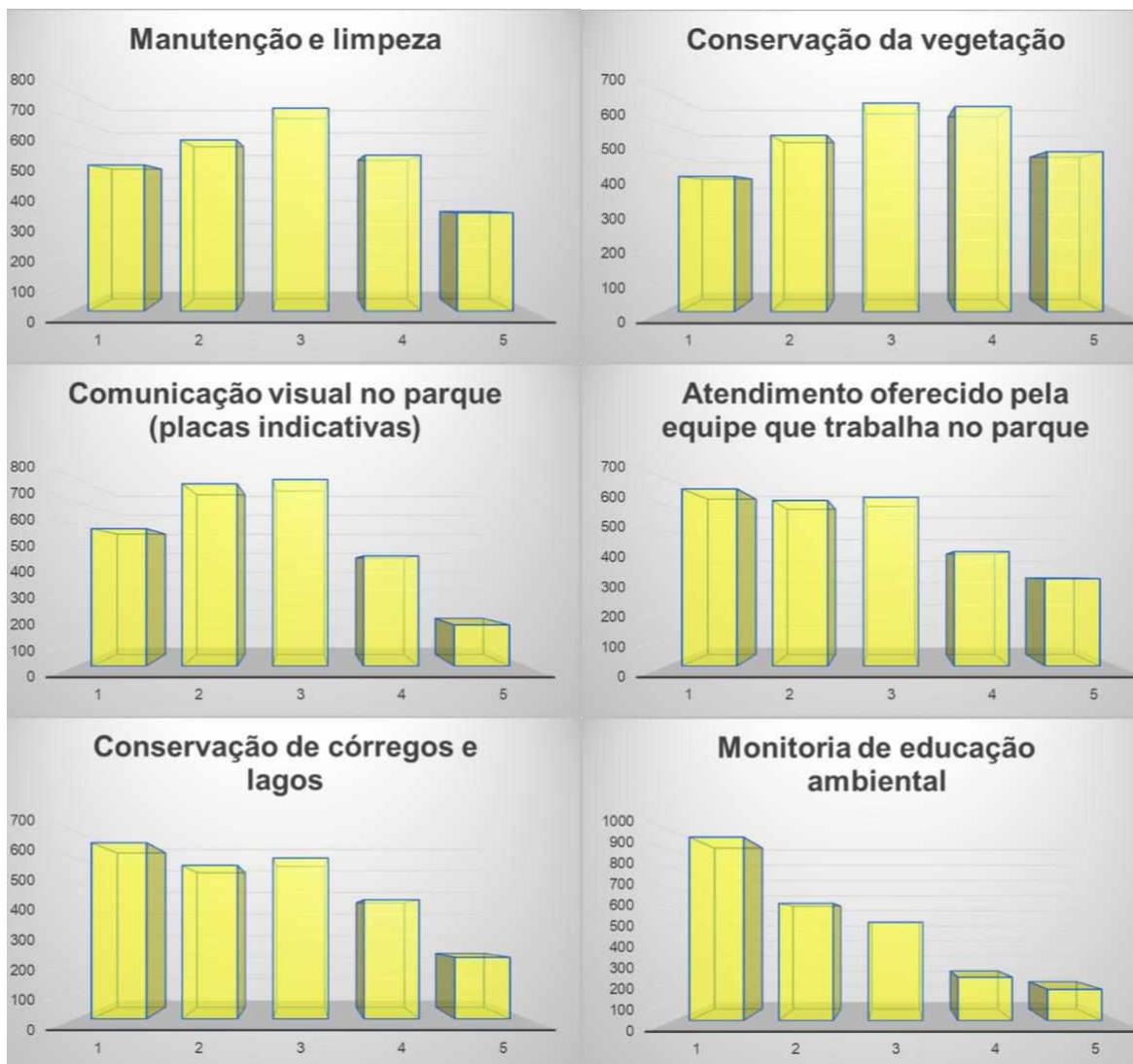


Figura 29: Distribuição de frequências da avaliação dos quesitos de manutenção, conservação e limpeza do parque e dos serviços de atendimento ao público e monitoria de educação ambiental, pelos frequentadores dos parques do município de São Paulo.

Com relação aos demais quesitos avaliados pelos frequentadores dos parques (Figura 29), percebe-se que a manutenção, conservação e limpeza dos parques não são má avaliadas. Por outro lado a prestação de serviços de monitoria de educação ambiental nos parques é um dos quesitos com pior avaliação dentre todos avaliados, não apenas desse subgrupo.

Das pessoas que responderam o questionário, 98% entendem que os parques trazem algum benefício para a cidade e ou para a população (Figura 30). Destes, o principal benefício citado foi a diminuição do estresse (Figura 31), seguido por amenizar a temperatura, diminuir a poluição do ar e melhorar a convivência entre as pessoas. Estes benefícios somam dois terços

do total das respostas. No terço restante apareceu como benefício o abrigo para animais silvestres, proteção de mananciais e nascentes, diminuição de enchentes, diminuição da violência e aumento da atividade econômica.



Figura 30: Distribuição de frequências das respostas dos frequentadores de parques do município de São Paulo, sobre se parques trazem algum benefício para a cidade e ou a população.

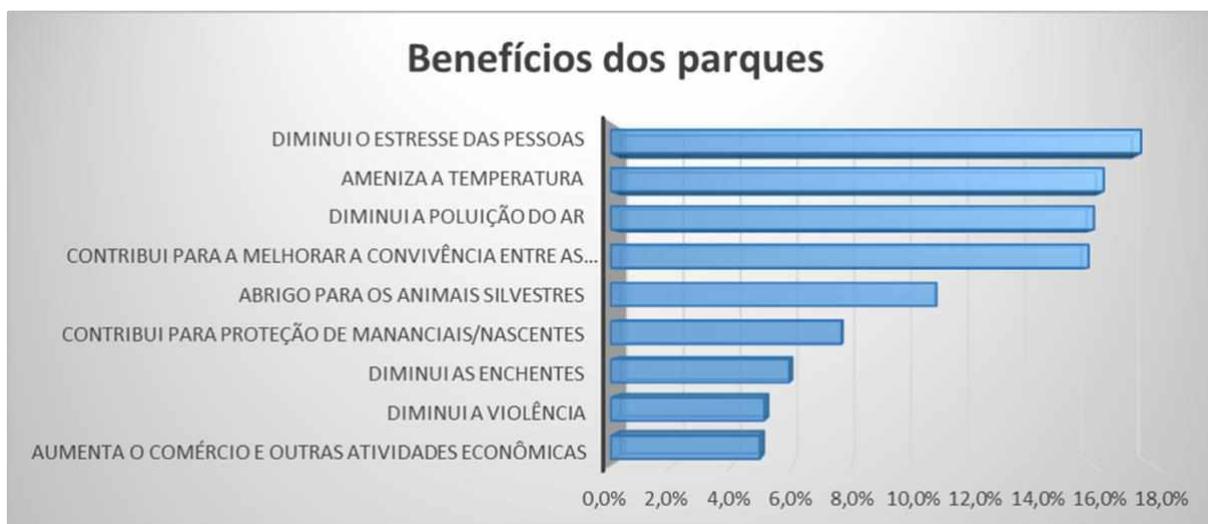


Figura 31: Distribuição de frequências das respostas dos frequentadores de parques do município de São Paulo, sobre os benefícios que os parques trazem

Quanto ao conhecimento sobre serviços ambientais ou ecossistêmicos, a maior parte dos frequentadores dos parques do município de São Paulo nunca ouviu falar do termo (Figura 32).

Comparando a resposta sobre os benefícios dos parques com o conhecimento sobre serviços ecossistêmicos, apesar da porcentagem dos que conhecem o termo ser maior dentre os que acreditam que parques trazem algum benefício, essa diferença não é significativa (χ^2 2,77; $p=0,096$; Tabela 3).



Figura 32: Distribuição de frequências das respostas dos frequentadores de parques do município de São Paulo, sobre se conhecem ou ouviram falar na expressão serviços ambientais ou ecossistêmicos.

Tabela 3: Distribuição de frequências das respostas dos frequentadores de parques do município de São Paulo sobre se parques trazem benefícios à cidade e o à população, com relação à reposta se conhecem ou ouviram falar em serviços ambientais ou ecossistêmicos.

	Parque traz benefício?	
	Sim	Não
Conhece SE/SA?	Sim 1207 (44%)	19 (33%)
	Não 1555 (56%)	39 (67%)

Com relação as busca por informações sobre parques e eventos que neles ocorrem, 79,2% informaram que realizam buscas, enquanto que 20,8% não busca informação alguma (Figura 33). Dos que buscam informações, a grande maioria (96,2%) consegue obter as informações, ao menos parcialmente (Figura 34).

O principal meio de busca das informações são as redes sociais (25,4%), mas o próprio parque também aparece como uma fonte importante, com 24,6% das respostas (Figura 35). A imprensa (18,9%), o portal da Secretaria do Verde e Meio Ambiente (12,1%) e os aplicativos de celular (10,0%) figuram respectivamente em terceiro, quarto e quinta posições dentre as principais fontes de busca por informações sobre os parques.

Separando a satisfação na resposta pela fonte de busca, são observadas diferenças (Figura 36). Apesar de para praticamente todos os meios utilizados a frequência de respostas parciais superou a de respostas positivas, quando a busca de informações sobre parques foram realizadas utilizando o portal Geosampa ou outros sites de na internet a frequência de respostas satisfatórias foi maior do que a de respostas parciais. A busca de informações por meio do Google ou através de amigos, resultaram na maior frequência de insucesso na obtenção de informações sobre os parques.



Figura 33: Distribuição de frequências das respostas dos frequentadores de parques do município de São Paulo, sobre se costumam buscar informações sobre os parques e os eventos que ocorrem.



Figura 34: Distribuição de frequências das respostas dos frequentadores de parques do município de São Paulo, sobre se conseguem obter as informações buscadas.

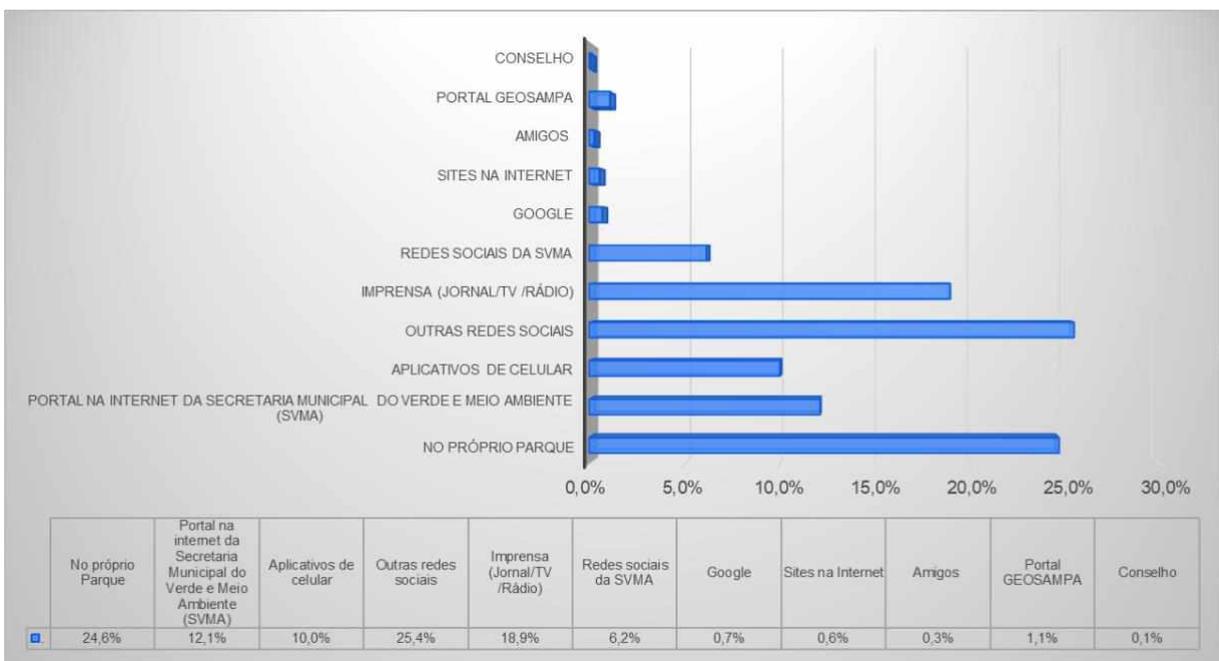


Figura 35: Distribuição de frequências das respostas dos frequentadores de parques do município de São Paulo, sobre os meios de busca utilizados para obter informações sobre o parque ou sobre os eventos que nele ocorrem.

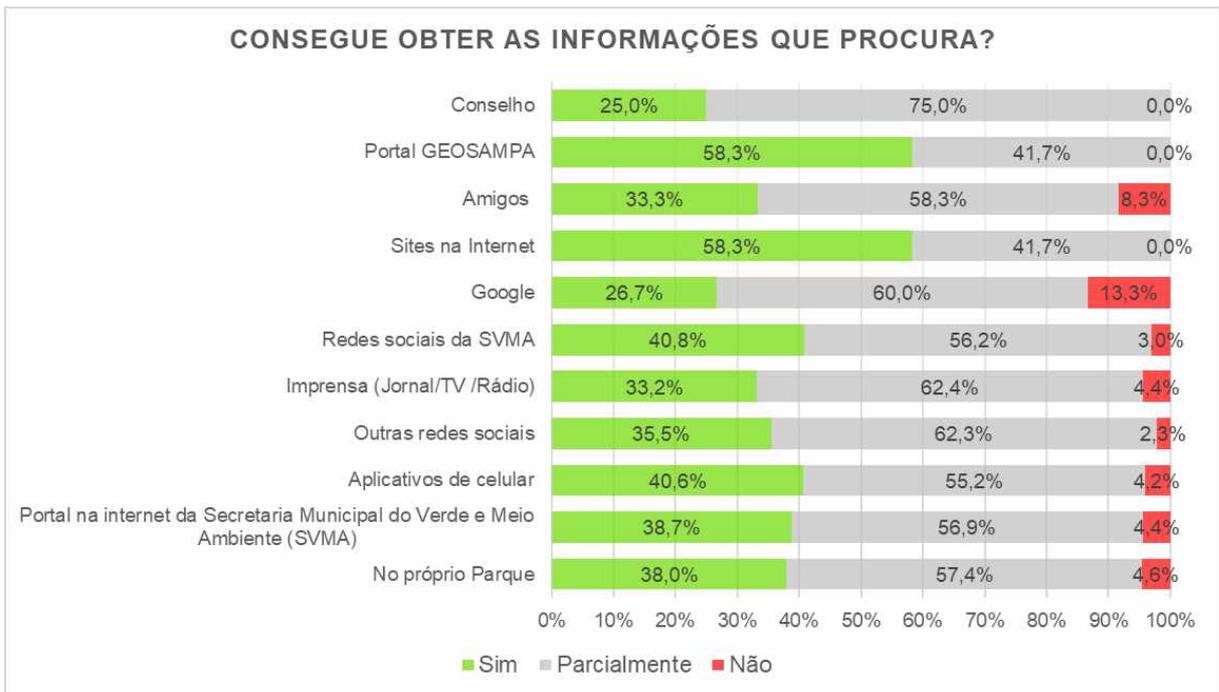


Figura 36: Distribuição de frequências das respostas dos frequentadores de parques do município de São Paulo, sobre se conseguem obter as informações buscadas, separadas pelo meio utilizado.

1.2 Administradores dos parques

Responderam à pesquisa 55 administradores, responsáveis por 82 parques (Tabela 4). A maior parte dos administradores é responsável por apenas um parque, no entanto, 29% deles responde por dois parques, 3% deles respondem por três parques e 3% chegam a administrar quatro parques simultaneamente.

Tabela 4: Quantidade de parques administrada por administrador.

Um parque	Dois parques	Três parques	Quatro parques
34	17	2	2



Figura 37: Área de formação dos administradores de parque no município de São Paulo.

Com relação a formação, cerca de um quinto dos administradores possui formação na área ambiental (Figura 37), a para 14% deles não foi possível determinar essa informação, pois apenas informaram possuir formação superior. Dentre as formações informadas, foram consideradas como Área Ambiental, as seguintes formações: engenharias agrônômica, florestal e ambiental, ciências biológicas e gestão ambiental. Para as formações consideradas de outras áreas foram encontradas: administração de empresas, comunicação social, pedagogia, letras, educação física, contabilidade, arquitetura, sociologia, fisioterapia, enfermagem, turismo, história, filosofia, ciências da computação, logística e designer gráfico.

Com relação as três principais atribuições que o gestor tem atualmente na administração do parque (Figura 38), as respostas com maior frequência foram a fiscalização de contratos (26,4%) e gerir a manutenção do parque (26,4%). Em seguida aparecem a gestão de funcionários e estagiários (13,8%), o atendimento e encaminhamento de demandas dos frequentadores (13,2%) e outros trabalhos administrativos e burocráticos (8,8%). As atribuição menos citadas foram a organização de eventos culturais, esportivos e de educação ambiental (5,7%), a divulgação do regulamento do parque (4,4%) e o planejamento do funcionamento do parque (1,3%).

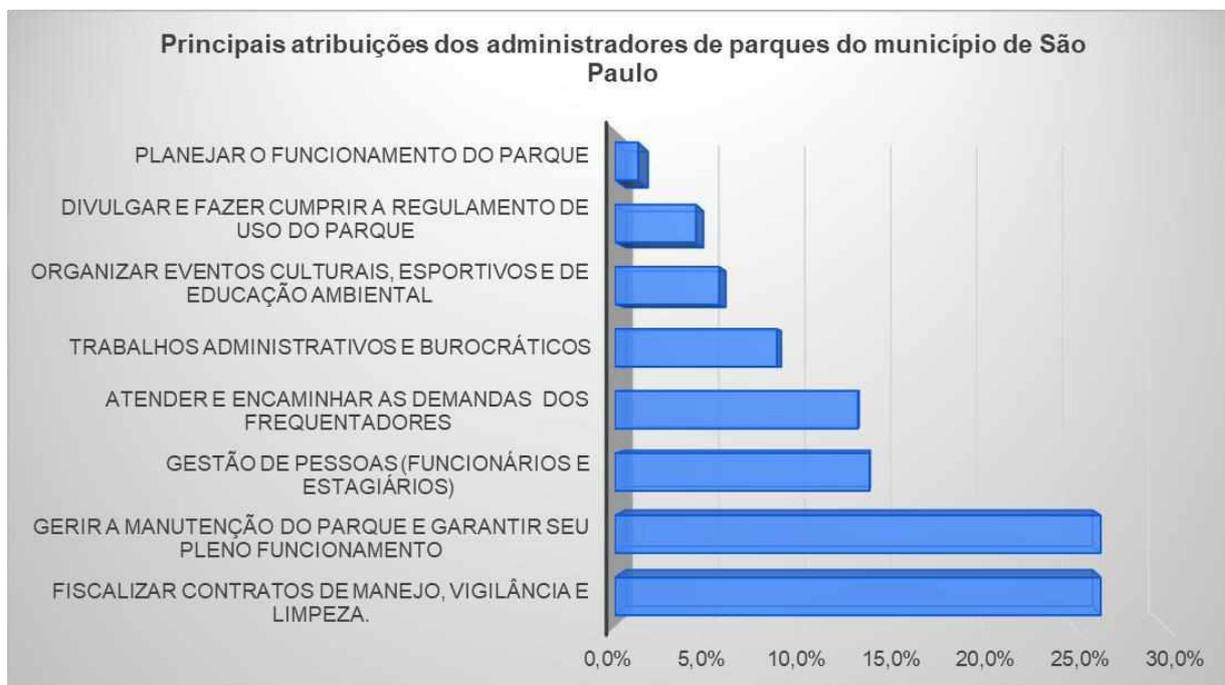


Figura 38: Distribuição de frequências das respostas dos administradores de parques do município de São Paulo quanto a sua atribuição atual.

Com relação as atribuições que os administradores acreditam que deveriam ter (Figura 39), a mais citada foi uma atribuição que não apareceu nas atribuições que os administradores entendem desempenhar atualmente: desenvolver uma gestão socioambiental no parque (23,1%). Em seguida aparecem atribuições que os administradores informaram já desempenhar, tais como a fiscalização de contratos (15,4%) e a manutenção do parque com vistas a garantir seu pleno funcionamento (15,4%). Estas atribuições no entanto, apareceram com uma frequência menor. As atribuições seguintes foram atender as demandas dos frequentadores e o desenvolvimento e disseminação de ações de educação ambiental no

parque, ambas com 11,5%. Na sequência apareceram zelar pelo patrimônio público (7,7%), gestão de funcionários e estagiários (6,4%), formar parcerias com os frequentadores e atores locais (5,1%), representar a SVMA no território (2,6%) e organizar eventos culturais, esportivos e de educação ambiental (1,3%).

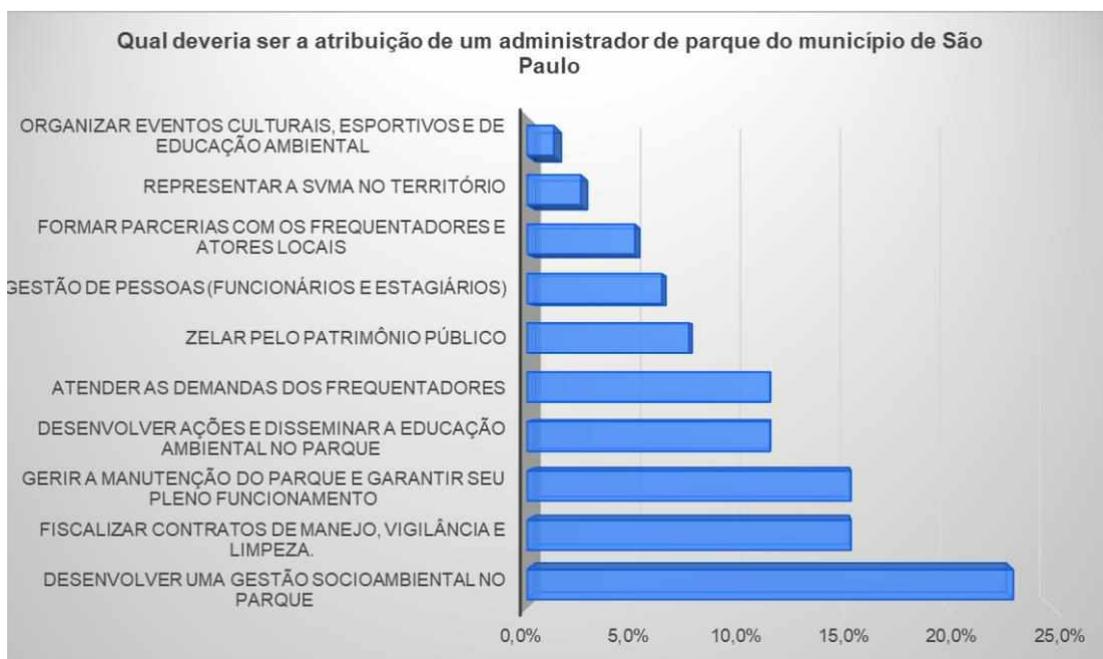


Figura 39: Distribuição de frequências das respostas dos administradores de parques do município de São Paulo sobre qual de veriam ser suas atribuições.

As principais dificuldades apontadas pelos administradores que administram mais de um parque (Figura 40), foram o custo e dificuldade de deslocamento respectivamente com 21,1% e 20,0% das respostas. Em seguida, os principais problemas apontados foram a carga horária excessiva (18,9%), a dificuldade de criar vínculos com a comunidade (16,7%), a dificuldade de se relacionar com o conselho gestor (11,1%) e a falta de recursos humanos e materiais (7,8%). Com uma menor frequência, apareceram ainda como dificuldades a interrupção ou redução dos contratos de prestação de serviços (3,3%) e a dificuldade de gerir os funcionários (1,1%).

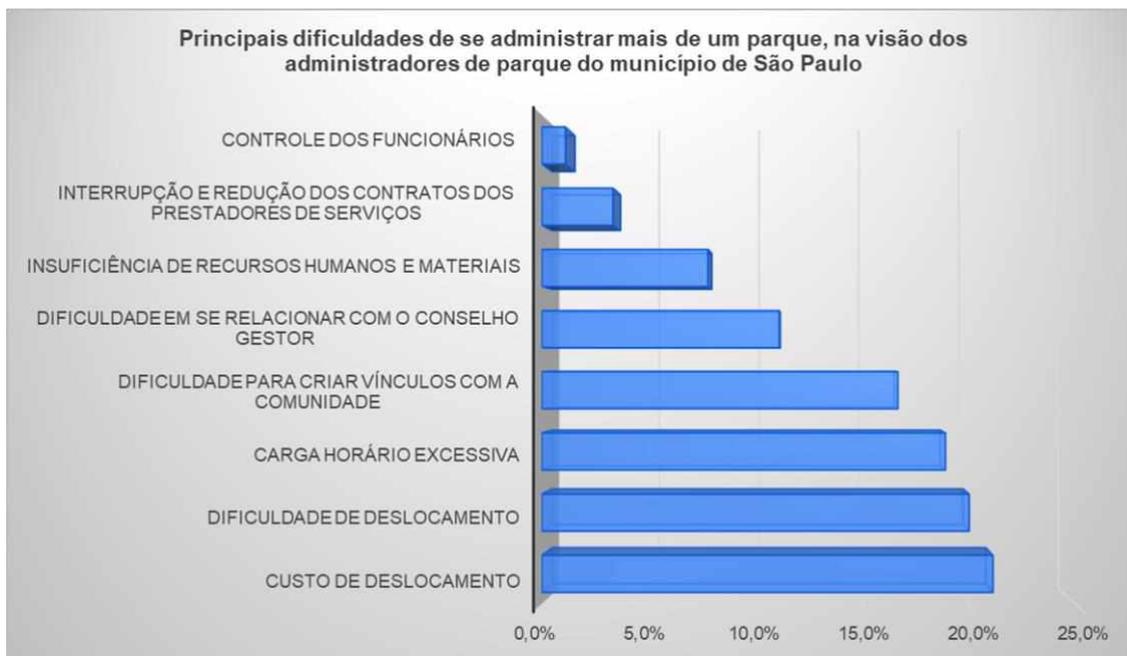


Figura 40: Distribuição de frequências das respostas dos administradores de parques do município de São Paulo sobre quais as principais dificuldades em se administrar mais de um parque simultaneamente.

Dentre os parques avaliados, 37,8% possuem plano de gestão, 57,3% apresentam regulamento de uso publicado e 45,1% têm um conselho gestor ativo (Tabela 5).

Tabela 5: Parques urbanos administrados pelo município de São Paulo com relação a existência de plano de gestão, regulamento de uso publicado e atividade do conselho gestor.

	Plano de gestão existente	Regulamento de uso publicado	Conselho gestor ativo
Sim	31 (37,8%)	47 (57,3%)	37 (45,1%)
Não	51 (62,2%)	35 (42,7%)	45 (54,9%)

Cruzando as variáveis acima, nota-se que o fato do parque possuir conselho gestor ativo não se relaciona com a chance dele possuir um plano de gestão. No entanto, nos parques sem conselho gestor ativo, a frequência de parques sem plano de gestão é maior do que a de parques com o plano (Figura 41). Por outro lado, parques sem conselho gestor ativo parecem não interferir na publicação do regulamento de uso, mas nos parques com o conselho gestor em atividade, a frequência de parques com regulamento de uso publicado é maior do que aqueles parques sem a publicação (Figura 41).

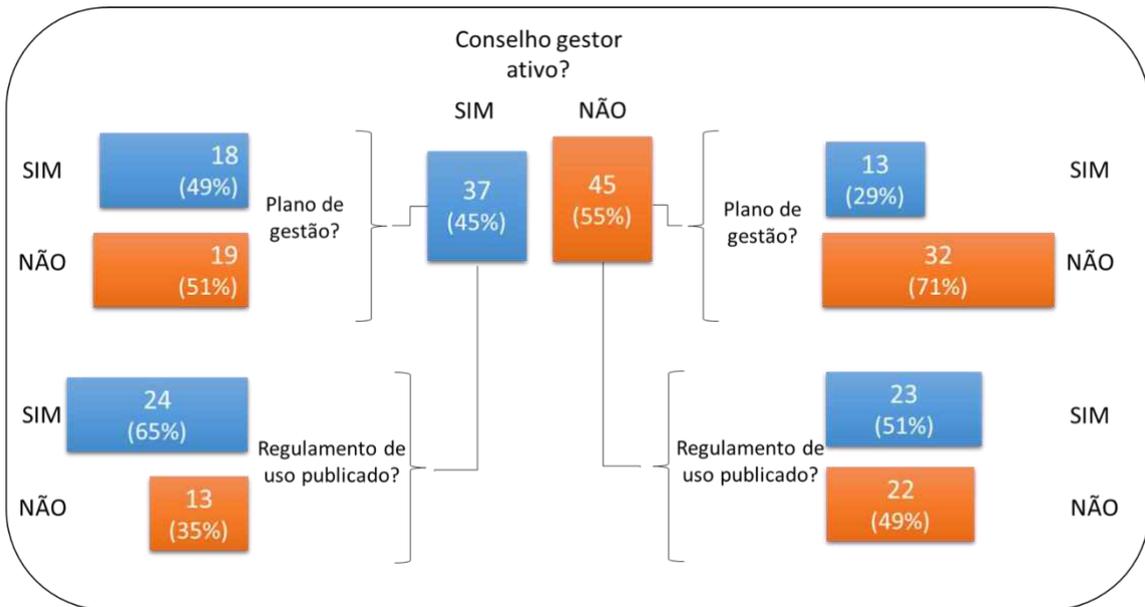


Figura 41: Relação entre a presença ou ausência de conselho gestor ativo e presença de plano de gestão ou publicação do regulamento de uso nos parques do município de São Paulo.

O principal problema existente nos parques, apontado pelos administradores (Figura 42), foi a falta de manutenção dos equipamentos (22,6%), a falta de funcionários (14,6%), o tráfico ou uso de drogas ilícitas nos parques (12,2%) e os danos ao patrimônio (10,4%) aparecem em sequência, seguidos de invasão (8,7%), violência (8,0%) e falta de um plano de manejo (7,3%). Por fim, foram citados o abandono de animais domésticos (5,6%), o despejo de esgotos (5,2%) e a prostituição (1,7%).



Figura 42: Distribuição de frequências das respostas dos administradores de parques do município de São Paulo sobre os principais problemas encontrados nos parques.

O principal aspecto positivo que dos administradores enxergam nos parques é a facilidade de acesso ao parque, com 38,3% de respostas (Figura 43). Em seguida vieram a

limpeza e manutenção dos parques (21,7%), atividades e eventos oferecidos aos frequentadores (16%) e os equipamentos esportivos presentes (12,6%). Foram ressaltados com menor frequência, como aspectos positivos dos parques os equipamentos de lazer presentes (2,9%), a beleza cênica (2,3%), a integração com a comunidade (1,7%), as ações de educação ambiental (1,1%), os serviços oferecidos em parceria com outras secretarias (1,1%), a qualidade do atendimento prestado ao frequentador pela equipe do parque (1,1%) e a importância histórica do parque (1,1%).



Figura 43: Distribuição de frequências das respostas dos administradores de parques do município de São Paulo sobre os principais aspectos positivos dos parques.

A maior parte dos administradores (28%) não identifica ação alguma realizada no parque por parte das Subprefeituras (Figura 44). Na sequência foram citadas a limpeza de córregos e o recolhimento de entulho, ambos com 16,8%, seguida a pintura de guias (16%) e a realização de eventos diversos (9,6%). Roçagem (5,6%) e poda (2,4%) foram citadas em seguida e por fim, com menor frequência a limpeza das ruas (1,6%), conserto da galeria de águas pluviais (0,8%), desfazimento de invasões (0,8%) e corte de grama das calçadas (0,8%).

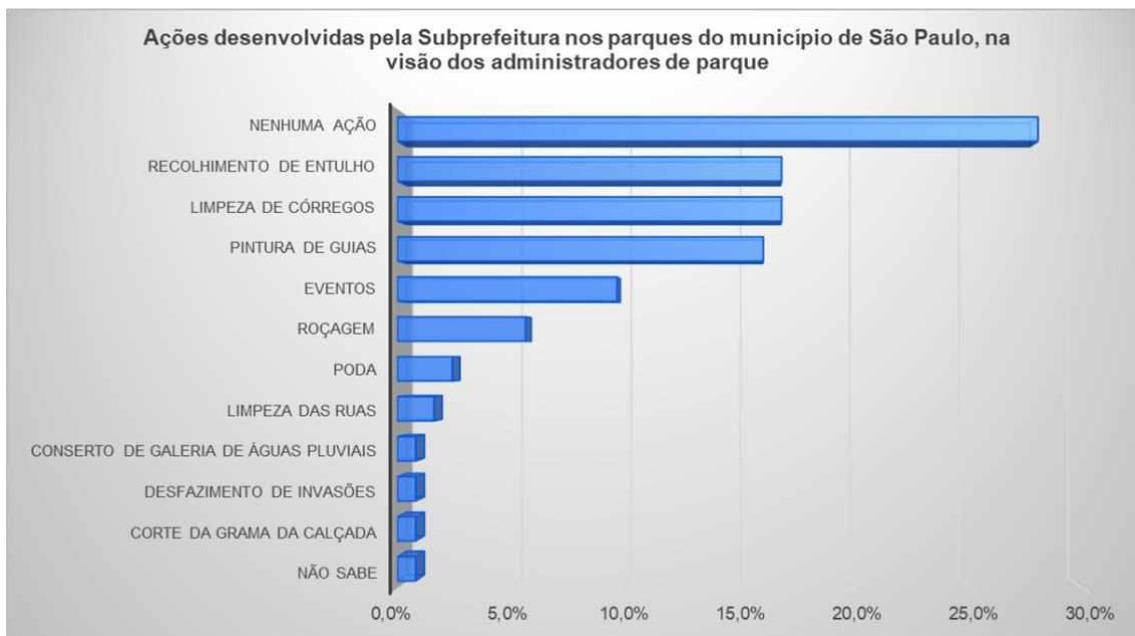


Figura 44: Distribuição de frequências das respostas dos administradores de parques do município de São Paulo sobre os principais ações realizadas pelas Subprefeituras nos parques.

Na avaliação dos aspectos dos parques realizada pelos administradores, cada um dos quesitos recebeu um conceito que variou de péssimo a muito bom. Para resumir cada quesito em um único valor, foi calculado um escore da seguinte forma: para cada quesito foram somadas as notas de acordo com os pesos a seguir:

Conceito	Peso
Péssimo	-2
Ruim	-1
Regular	0
Bom	1
Muito bom	2

Desta forma, um escore igual a zero significa uma avaliação regular ou neutra, valores positivos significam avaliações boas e valores negativos significam más avaliações.

Por exemplo, se o quesito iluminação obteve:

2 avaliações péssimas,

3 avaliações ruins,

10 avaliações regulares,

4 avaliações boas e

3 avaliações muito boas,

Então seu escore foi $(2 \times -2) + (3 \times -1) + (10 \times 0) + (4 \times 1) + (3 \times 2) = 3$. O que representa uma avaliação ligeiramente positiva.

Para os administradores, quatro quesitos obtiveram avaliação positiva, onde o a facilidade de acesso ao parque foi o quesito mais bem avaliado, seguido da conservação da

vegetação, segurança e sede administrativa (Figura 45). Por outro lado, três aspectos obtiveram avaliação negativa: adequação dos contratos de vigilância e manejo e iluminação.



Figura 45: Escores de avaliação dos parques do município de São Paulo pelos seus administradores, quanto aos quesitos de acesso, segurança, conservação da vegetação, sede administrativa, iluminação e adequação dos contratos de vigilância e manejo.

A avaliação feita pelos administradores foi congruente com a dos frequentadores no que tange a iluminação, conservação da vegetação e acesso ao parque (Figura 24). Por outro lado os administradores e frequentadores têm avaliações distintas sobre a segurança, onde os primeiros avaliam-na positivamente, enquanto os últimos têm uma avaliação negativa.

Sobre a importância das ações para a melhoria da gestão, na opinião dos administradores, a realização de adequações na infraestrutura existente foi a ação considerada a mais importante, seguida do desenvolvimento de programas de educação ambiental e o estabelecimento de parcerias com a iniciativa privada (Figura 46). Na sequência, aparecem como ações importantes estabelecer parceria com a Subprefeitura, aumentar o número de funcionários de manejo, estabelecer parceria com organizações da sociedade civil e garantir a presença diária do administrador no parque. Um terceiro bloco de ações aparece importância ligeiramente menor, com o oferecimento de treinamento prévio e um programa de capacitação permanente aos administradores e o aumento do número de vigilantes. Por fim, as ações citadas com menor importância foram a implantação de novas estruturas no parque e o aumento de funcionários na zeladoria.

Ainda de acordo com os administradores dos parques, a questão relativa à gestão do parque que recebeu maior importância com 75,6%, foi a existência de programas de educação ambiental voltado aos frequentadores (Figura 47). A participação da comunidade na promoção de eventos (72,6%) e na limpeza do parque (70,7%) foram as ações que apareceram na sequência em ordem de importância. A existência de pesquisas de opinião com os frequentadores (61%) e uma programação anual de eventos (60,4%) surgiram em seguida e por fim, a contratação de trabalhadores residentes na comunidade ou em bairros próximos foi a ação que obteve menor importância na visão dos administradores, com 43,9%.

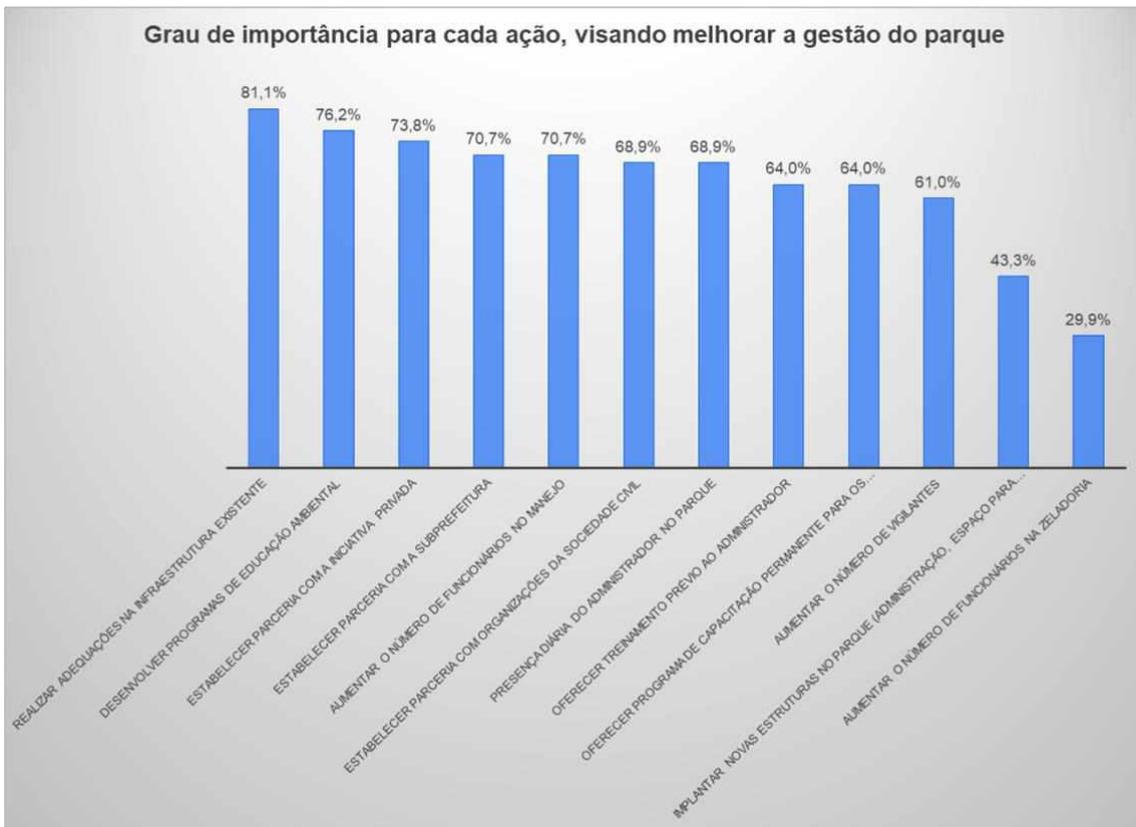


Figura 46: Grau de importância das ações para melhorar a gestão dos parques do município de São Paulo, de acordo com a opinião dos administradores.

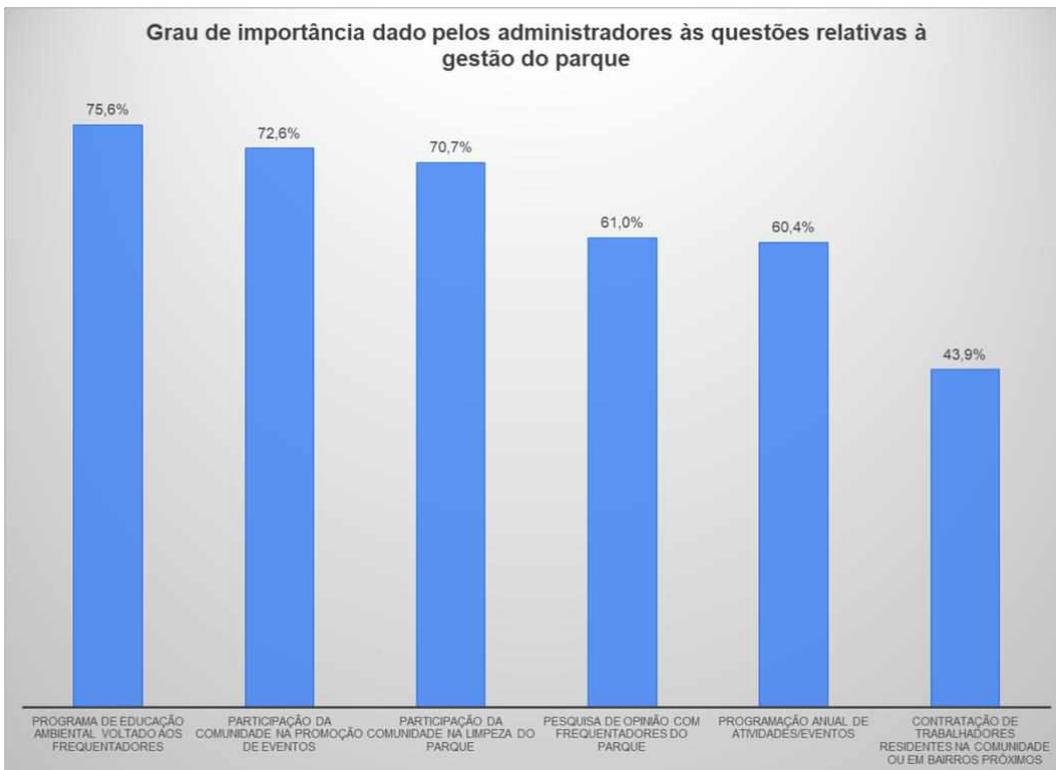


Figura 47: Grau de importância dado pelos administradores às questões relativas à gestão dos parques do município de São Paulo.

Para o grau de facilidade em desempenhar as atividades ligadas à administração dos parques, foi calculado um escore de facilidade, análogo ao que fora calculado para avaliar os aspectos do parque, onde valores negativos representam que a atividade é difícil de ser realizada, valores positivos significam que a atividade é considerada fácil e valores próximos de zero indicam que o grau de facilidade no desempenho da atividade é médio.

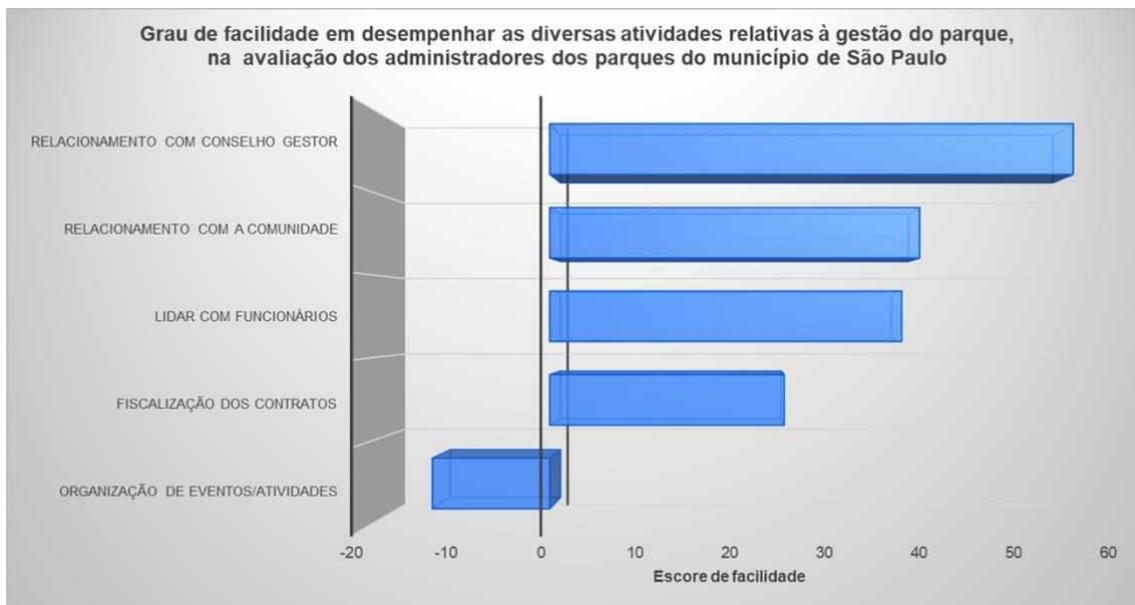


Figura 48: Grau da facilidade de desempenhar as atividades de gestão dos parques do município de São Paulo, na avaliação dos administradores.

Observando a figura 48, nota-se que os administradores consideram o relacionamento com o conselho gestor a atividade mais fácil de ser desempenhada, seguida pelo relacionamento com a comunidade e a gestão dos funcionários. Ainda fácil, porém com um grau menor está a fiscalização dos contratos de gestão e por fim, a organização de eventos/atividades foi a única atividade que os administradores consideram difícil de ser realizada.

Com relação aos usos predominantes que os munícipes fazem do parque (Figura 49), os administradores entendem que o principal uso é a caminhada, seguido por atividades esportivas em quadras e outros equipamentos esportivos. Em seguida aparecem o uso da parque como local de encontro e sociabilidade e passagem ou conexão com outros lugares do bairro. Um terceiro grupo de usos aparece na sequência e inclui atividades com crianças e contemplação. Por fim, com uma frequência menor de usos aparecem a ginástica em aparelhos, a participação em eventos e atividades com idosos.

Na opinião dos administradores de parque do município de São Paulo, a realização de eventos nos parques é uma ferramenta importante de gestão. 85% dos administradores acredita que realizar eventos no parque contribui para melhorar a gestão (Figura 50).

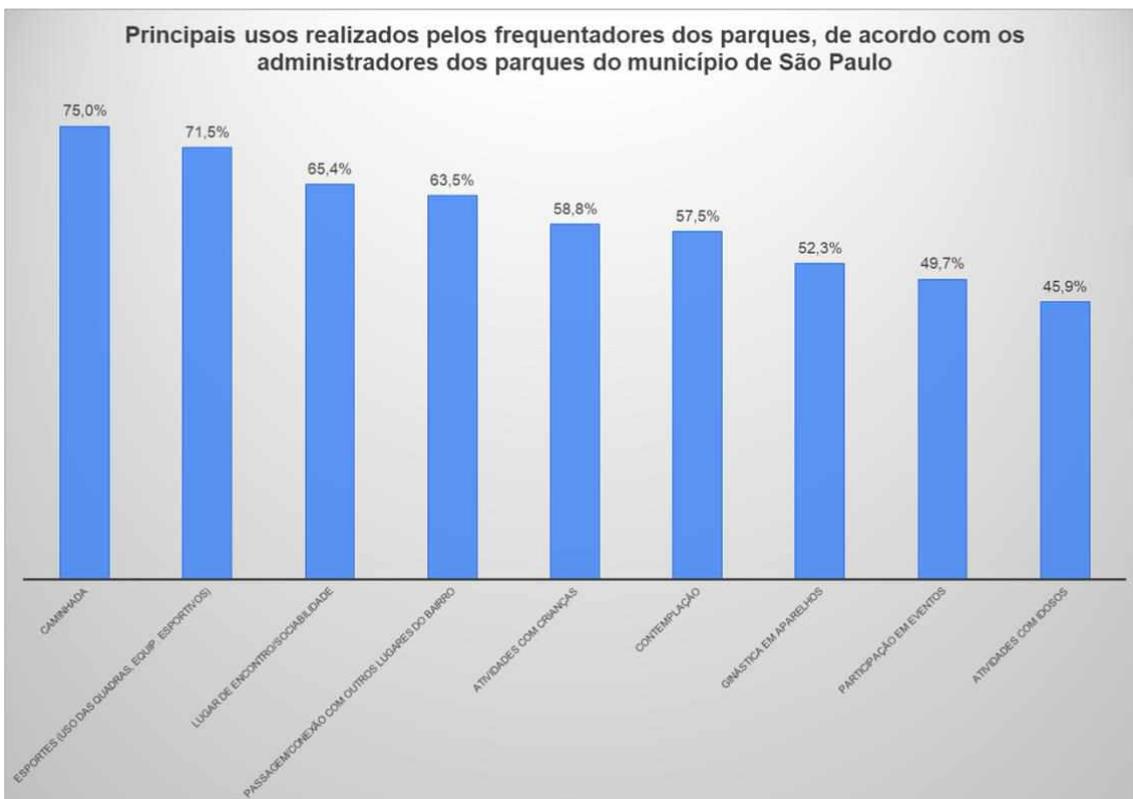


Figura 49: Grau da facilidade de desempenhar as atividades de gestão dos parques do município de São Paulo, na avaliação dos administradores.



Figura 50: Distribuição de frequências das respostas dos administradores de parques do município de São Paulo, sobre se a realização de eventos melhora ou não a gestão do parque.

Foi ainda perguntado aos administradores sobre as três principais reclamações mais frequentes feitas pelo público que frequenta o parque. A reclamação mais recorrente foi a insuficiência ou falta de manutenção dos equipamentos para ginástica, com 15,7%, seguida

pela falta de manutenção de playground, com 10,1%. Em terceiro lugar apareceram reclamações relativas à segurança, com 8,1% (Figura 51).



Figura 51: Distribuição de frequências das respostas dos administradores de parques do município de São Paulo, sobre as principais reclamações recebidas dos frequentadores.

1.3 Conselheiros dos parques

Responderam à pesquisa 56 conselheiros pertencentes aos conselhos de 24 parques (Figura 52). O parque com o maior número de conselheiros respondentes foi o Parque Severo Gomes, com 6 respondentes, seguido pelo Parque Alfredo Volpi, com 5 e o Trianon com 4.

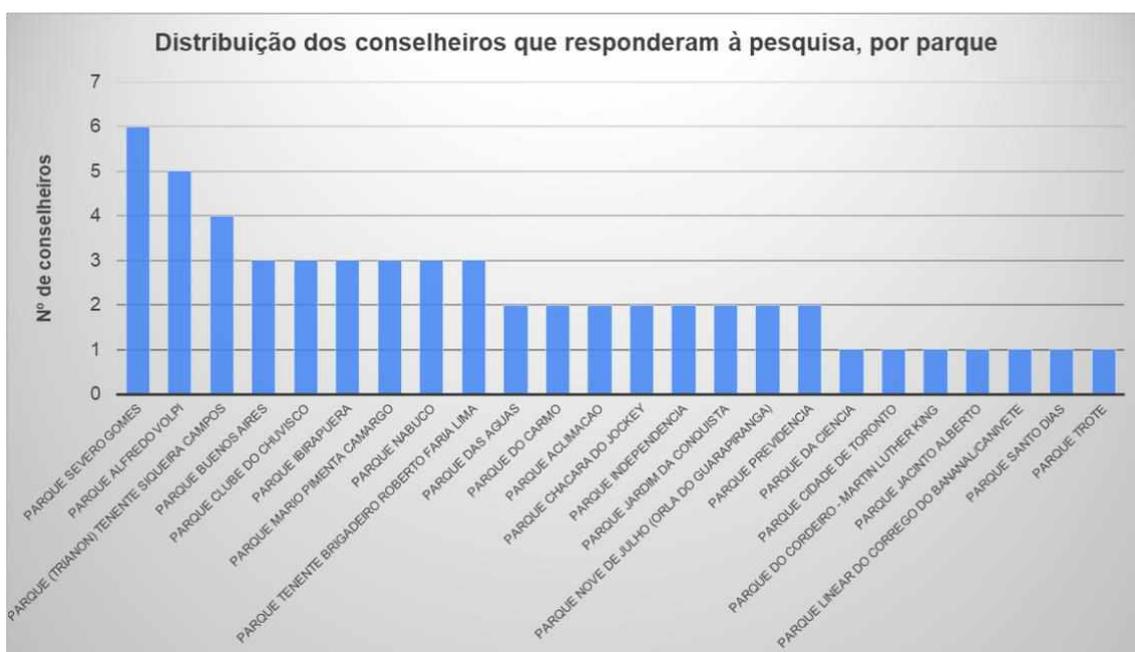


Figura 52: Quantidade de membros do conselho gestor dos parques do município de São Paulo que responderam à pesquisa, por parque.

Com relação ao gênero, os conselheiros respondentes se distribuíram da seguinte forma: 46% do gênero feminino e 54% do gênero masculino, situação inversa aos demais frequentadores que responderam à pesquisa, que são na maioria mulheres (Figura 53). A maior parte dos respondentes possui renda familiar acima de 10 salários mínimos (33,3%), seguidos por aqueles com renda de 5 a 10 salários mínimos, e de 2 a 5 salários mínimos, ambas categorias com 28,9%. Conselheiros com renda familiar de 1 a 2 salários mínimos (2,2%) e até um salário mínimo (6,7%), aparecem com menor frequência (Figura 54). Quanto ao grau de instrução, 37,5% dos respondentes possui pós graduação, o mesmo percentual dos conselheiros que possuem ensino superior completo (37,5%). 19,6% possuem ensino médio completo, 3,6% ensino fundamental completo e apenas 1,8% possuem ensino fundamental incompleto ou não possuem instrução alguma (Figura 55). De modo geral, os conselheiros apresentam renda e grau de instrução maior do que os demais frequentadores que responderam à pesquisa e muito acima da população em geral do município (Figuras 3 e 4). A faixa etária dos conselheiros (Figura 56) também se mostra bem acima da dos frequentadores comuns dos parques. Enquanto a média de idade dos conselheiros é de 56 anos, a dos demais frequentadores é de 42 anos.

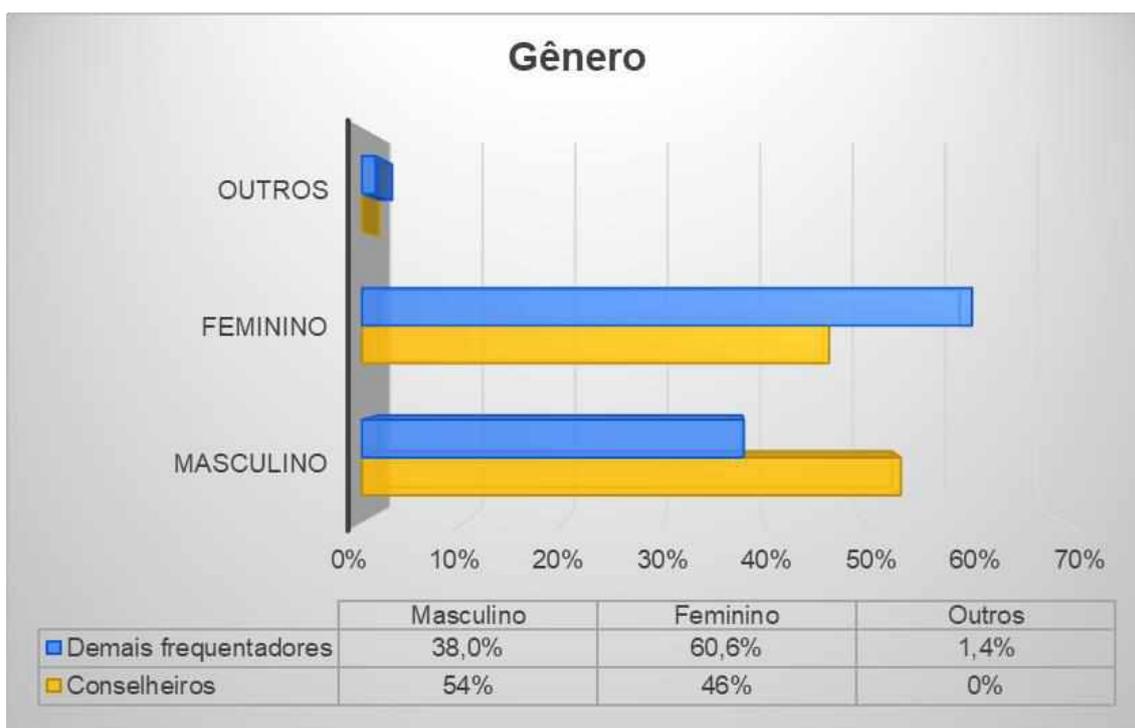


Figura 53: Distribuição de frequências de gênero dos membros do conselho gestor de parques respondentes da pesquisa, em comparação com os demais frequentadores dos parques do município de São Paulo.

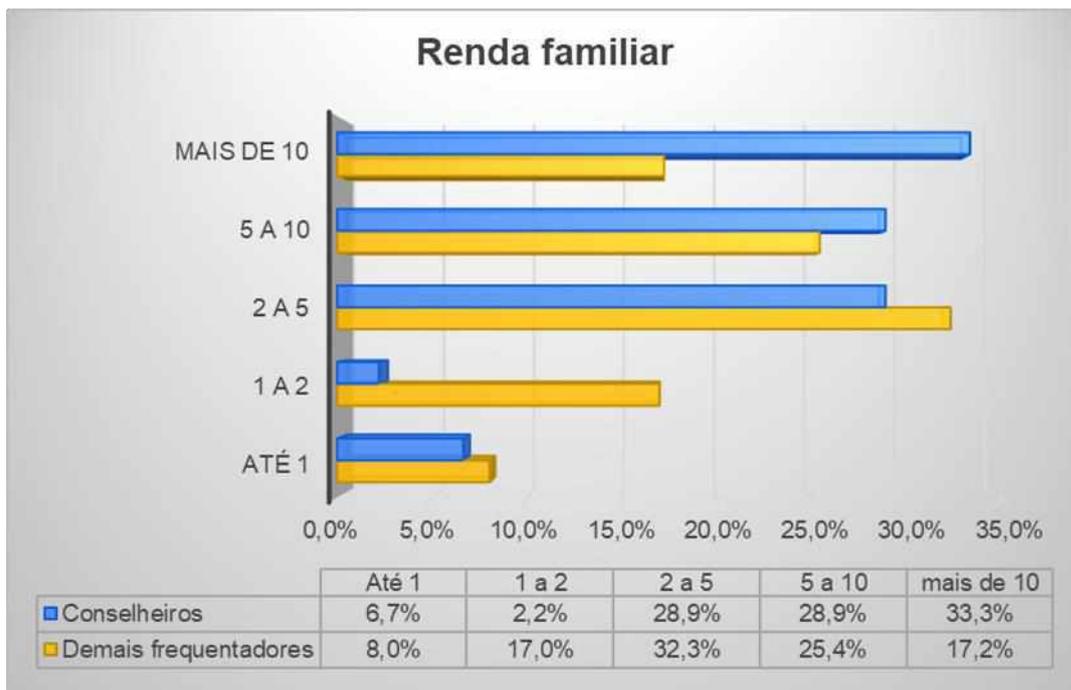


Figura 54: Distribuição de frequências da renda familiar dos membros do conselho gestor de parques respondentes da pesquisa, em comparação com os demais frequentadores dos parques do município de São Paulo.

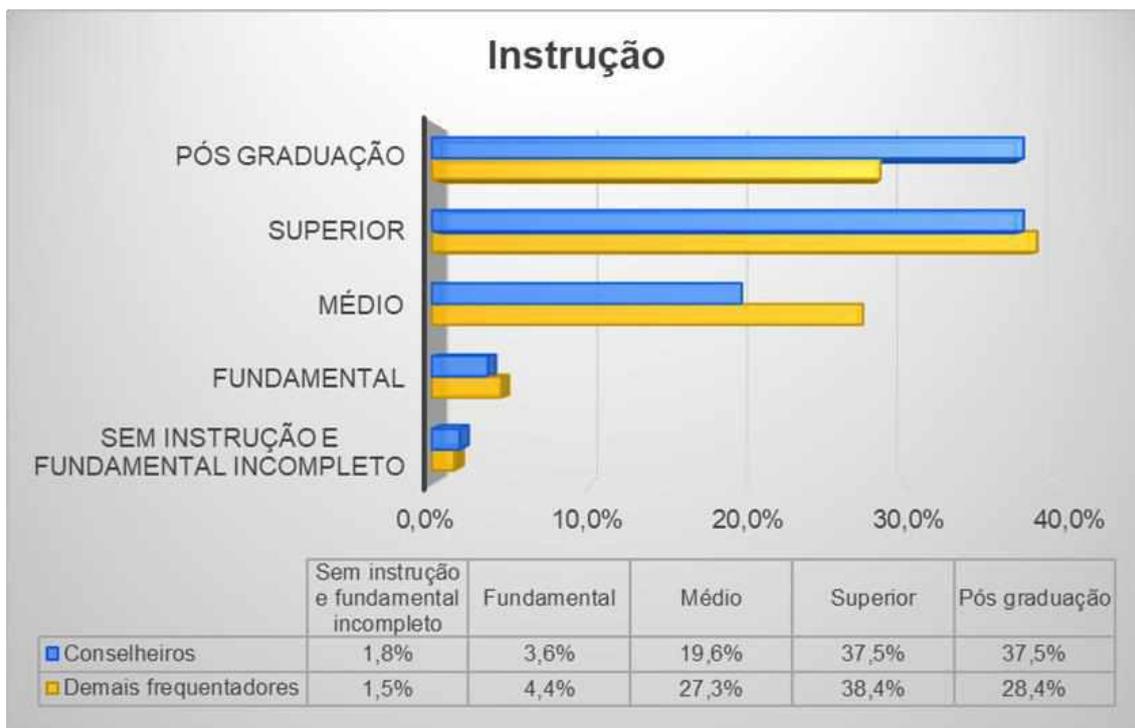


Figura 55: Distribuição de frequências do grau de instrução dos membros do conselho gestor de parques respondentes da pesquisa, em comparação com os demais frequentadores dos parques do município de São Paulo.

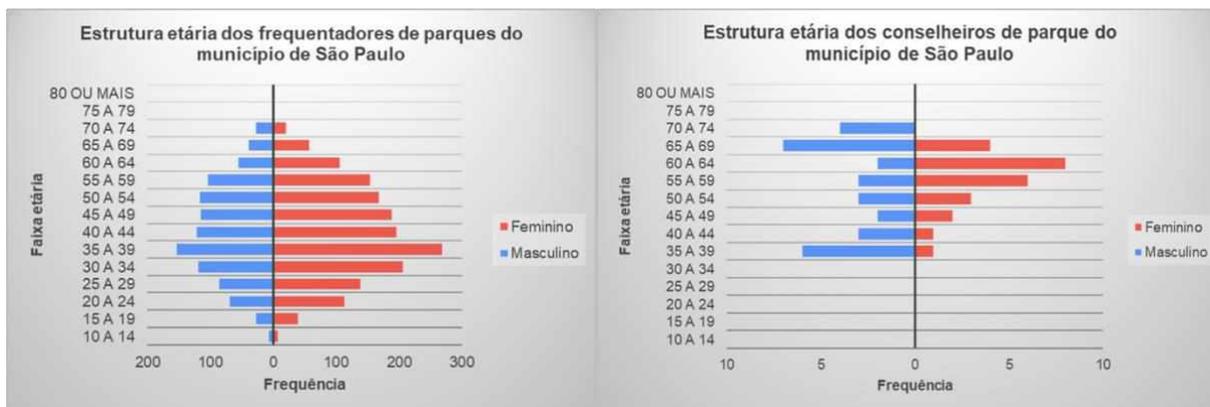


Figura 56: Pirâmides etárias dos membros do conselho gestor de parques do município de São Paulo (à direita), e dos demais frequentadores dos parques do município de São Paulo que responderam à pesquisa (à esquerda).

Dos conselheiros respondentes, 76,8% são titulares e 23,2% suplentes. São conselheiros de primeiro mandato 44,6%, enquanto que 55,4% dos respondentes já foram conselheiros em outros momentos (Tabela 7). Pouco mais da metade dos conselheiros (57,1%) acreditam que a comunidade vizinha a este parque conhece o trabalho do conselho gestor, enquanto que praticamente todos (91,1%) acreditam que as decisões do conselho influenciem a gestão do parque (Tabela 8).

Tabela 7: Distribuição de frequência dos membros dos conselhos gestores dos parques do município de São Paulo quanto à condição de titularidade e estreia no conselho.

Conselheiros titulares	Conselheiros suplentes
43 (76,8%)	13 (23,2%)
Primeiro mandato	Já foi conselheiro
25 (44,6%)	31 (55,4%)

Tabela 8: Distribuição de frequência dos membros dos conselhos gestores dos parques do município de São Paulo quanto à possibilidade das decisões do conselho influenciarem a gestão do parque e se acredita que a comunidade vizinha conhece o trabalho do conselho gestor.

Resposta	Decisões do conselho influenciam a gestão do parque?	Comunidade vizinha conhece o trabalho do conselho gestor?
Sim	51 (91,1%)	32 (57,1%)
Não	5 (8,9%)	24 (42,9%)

Com relação ao grau de influência que o conselho julga ter da sua atuação nas questões de gestão do parque, os membros do conselho acreditam que têm a influência mais significativa sobre a programação de eventos no parque, com 75% de influência, seguido da mobilização da vizinhança para assuntos diversos relacionados ao parque, com 73%. Em terceiro lugar aparece a influência sobre a conservação da vegetação, com 66% e por fim, os serviços de limpeza do parque com 61% (Figura 57).

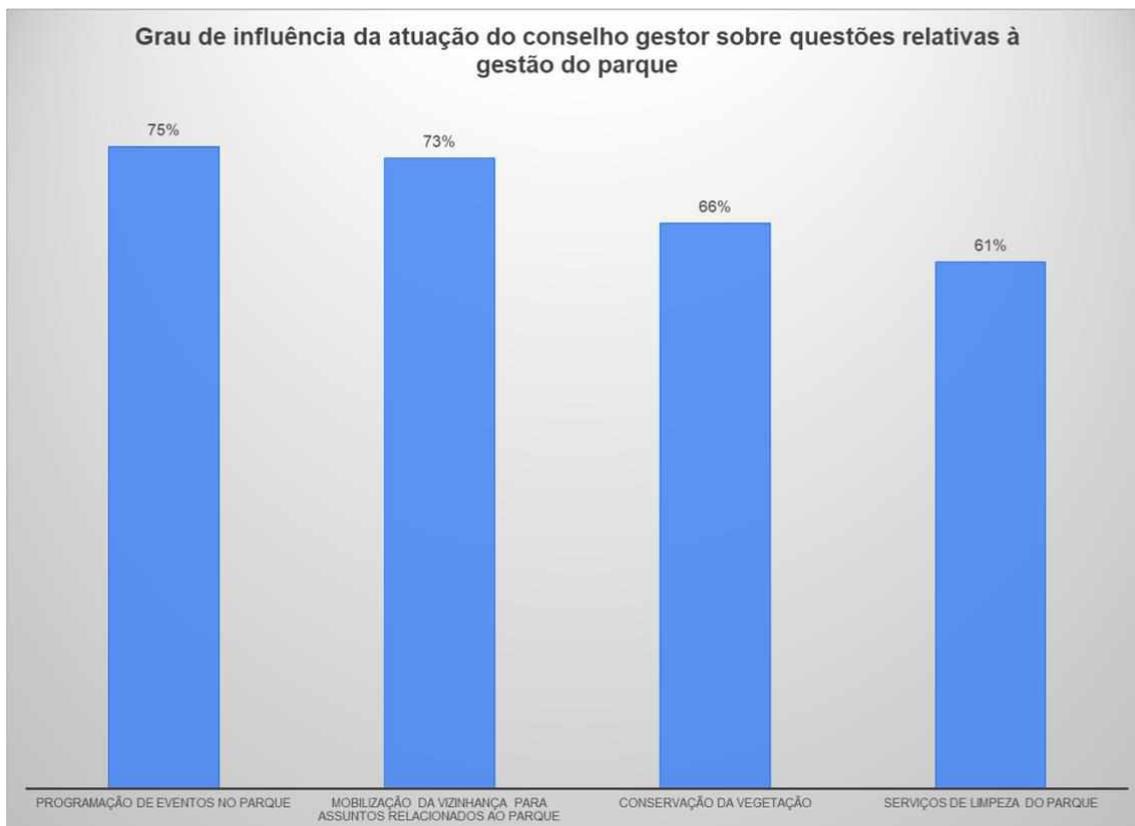


Figura 57: Grau de influência que os conselheiros julgam ter da sua atuação sobre as questões de gestão dos parque do município de São Paulo.

Os principais obstáculos enfrentados atualmente pelo conselho são em primeiro lugar o excesso de burocracia (31%), seguido pela carência de estruturas relacionadas ao espaço físico (20%) e pela falta de antecedência na disponibilização da pauta e falta de subsídios para as discussões relacionadas, com 13% das respostas (Figura 58). Aparecem ainda o pouco tempo para reuniões (9%), a troca frequente de administradores (6%) e a perda do poder deliberativo do conselho (6%). Com uma frequência menor foram citados a falta de reconhecimento do trabalho do conselho pela gestão do parque e da Secretaria (5%), divergência nas opiniões dos conselheiros (3%), reuniões muito esparsas (3%), poucos recursos para o conselho (1%), ausência de representantes do poder público nas reuniões (1%), ou até aqueles conselheiros que não enxergam dificuldade alguma (1%).



Figura 58: Principais obstáculos ou dificuldades enfrentados atualmente pelo conselho gestor dos parques do município de São Paulo.

Os conselheiros identificam como os três principais pontos fortes de atuação do conselho (Figura 59), servir de elo entre a administração e a comunidade local (24,2%), a assiduidade nas reuniões e comprometimento com as funções de conselheiro (15,6%) e a proposição de ideias e projetos para a melhoria do parque (11,7%).

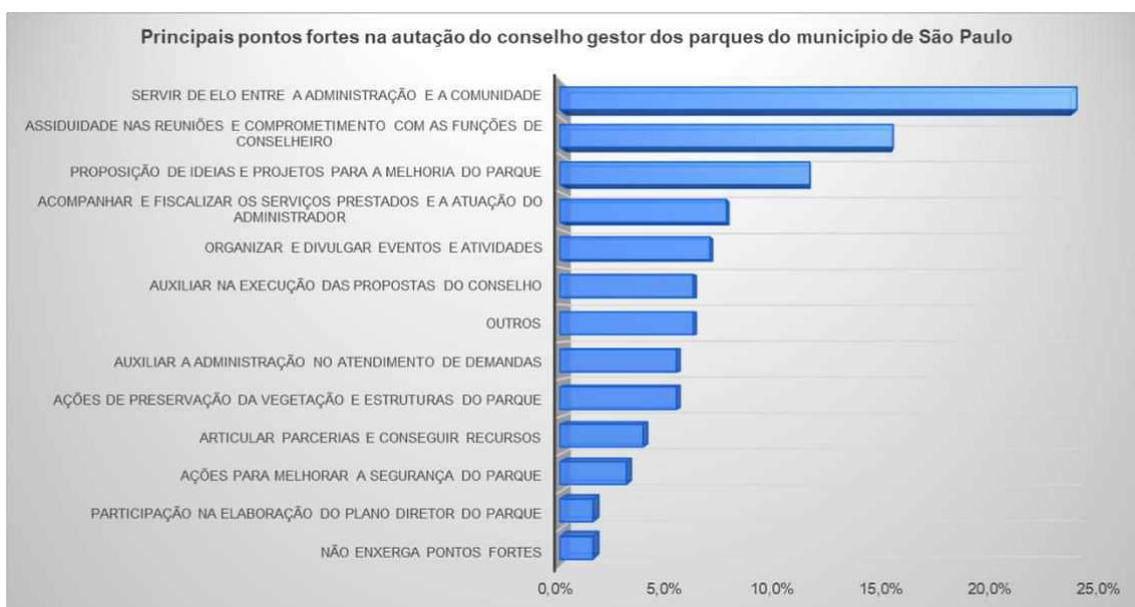


Figura 59: Principais obstáculos ou dificuldades enfrentados atualmente pelo conselho gestor dos parques do município de São Paulo.

Surgiram como pontos fortes ainda acompanhar e fiscalizar os serviços prestados e a atuação do administrador (7,8%), organizar e divulgar eventos e atividades (7,0%), auxiliar na execução das propostas do conselho (6,3%), auxiliar a administração no atendimento de demandas (5,5%), realizar ações de preservação da vegetação e estruturas do parque (5,5%), articular parcerias e conseguir recursos (3,9%), realizar ações para melhorar a segurança do parque (3,1%) e participar na elaboração do plano diretor do parque (1,6%).

Para resumir a avaliação dos diferentes quesitos dos parques pelos conselheiros, foi calculado o mesmo escore utilizado para resumir a avaliação feita pelos demais frequentadores (Figura 24). A avaliação dos conselheiros (Figura 60), dentro do grupo acesso, fez uma avaliação ligeiramente negativa apenas da acessibilidade ao parque para pessoas com mobilidade reduzida. A sinalização viária para chegar ao parque e a qualidade das calçadas teve uma avaliação ligeiramente positiva, enquanto que a disponibilidade de meios de transporte foi bem avaliada. Quanto à segurança, os conselheiros entendem que a sensação de segurança dentro do parque é boa, enquanto que a do entorno do parque foi avaliada de maneira ligeiramente negativa. Para aspectos da infraestrutura, a disponibilidade de bancos recebeu uma boa avaliação, enquanto que a disponibilidade de equipamentos acessíveis para pessoas com mobilidade reduzida foi avaliada de maneira fortemente negativa. Os demais quesitos alternaram entre avaliações ligeiramente positivas e negativas. A disponibilidade de lixeiras e de espaços para refeições teve avaliação ligeiramente positiva, e a disponibilidade de bebedouros, sanitários, equipamentos esportivos, playgrounds e aparelhos para terceira idade teve avaliação ligeiramente negativa. Para o agrupamento restante a comunicação visual do parque, a conservação dos córregos e lagos e monitoria de educação ambiental foram avaliados de forma ligeiramente negativa. A manutenção e limpeza e a conservação da vegetação receberam um boa avaliação.

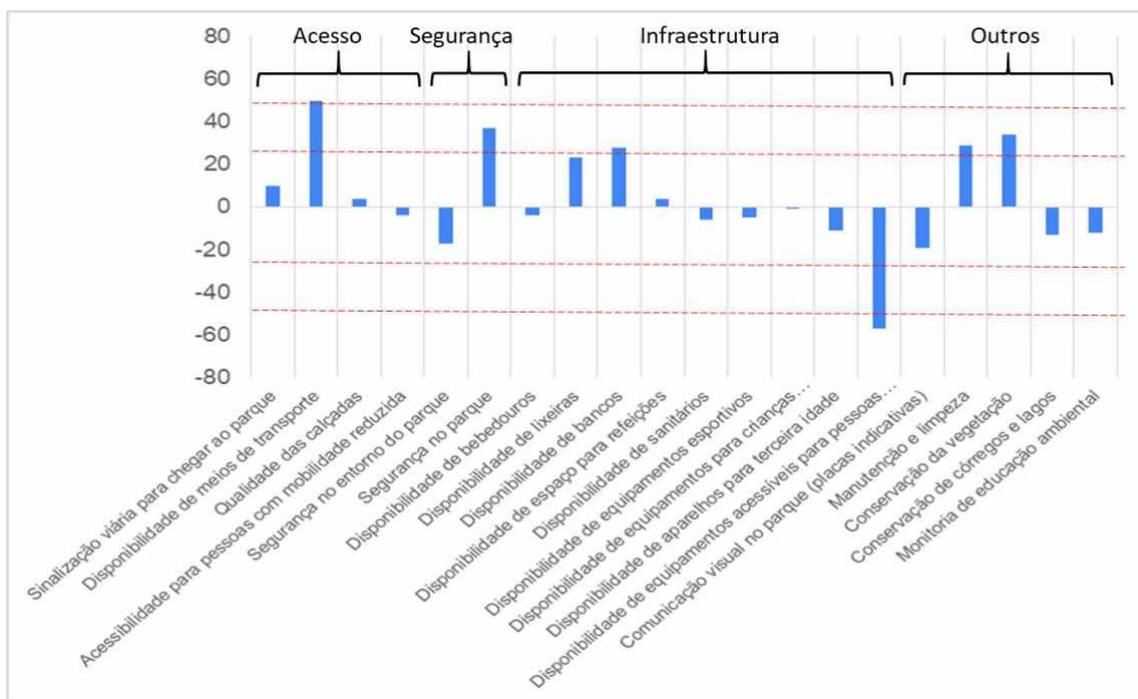


Figura 60: Escores de avaliação dos parques feita pelos membros do conselho gestor, quanto aos quesitos de acesso, segurança, infraestrutura e outros. Cada linha vermelha tracejada representa um intervalo equivalente a um desvio padrão da média dos quesitos e foi utilizada para indicar avaliações ligeiramente negativas ou positivas (até um desvio), avaliações negativas ou positivas (entre um e dois desvios) e avaliações bastante negativas ou positivas (acima de dois desvios).

Na figura 61 está a distribuição de frequências da avaliação do acesso ao parque. Os conselheiros avaliaram positivamente os meios de transporte para chegar ao parque, enquanto que os demais quesitos tiveram uma avaliação predominantemente regular.

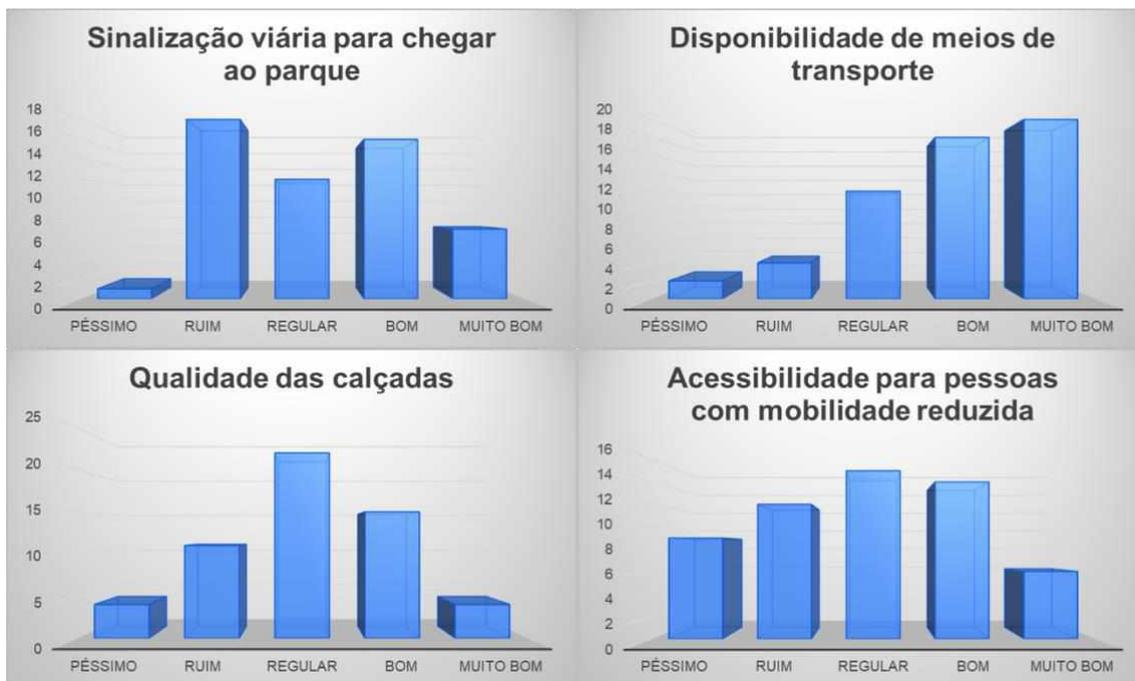


Figura 61: Distribuição de frequências da avaliação dos quesitos de facilidade de acesso ao parque pelos membros do conselho gestor dos parques do município de São Paulo.

Na figura 62, onde está a distribuição de frequências dos quesitos de sensação de segurança dentro e no entorno, percebe-se que os conselheiros se sentem mais seguros dentro do parque do que no seu entorno.



Figura 62: Distribuição de frequências da avaliação dos quesitos de sensação de segurança pelos membros do conselho gestor dos parques do município de São Paulo.

Na figura 63, onde estão as distribuições de frequência da avaliação dos quesitos de infraestrutura, o único aspecto que apresenta uma avaliação extremamente negativa foi a disponibilidade de equipamentos acessíveis para pessoas com mobilidade reduzida. A disponibilidade de lixeiras e de banco recebeu avaliação positiva, enquanto que os demais quesitos tiveram avaliação próxima de regular.

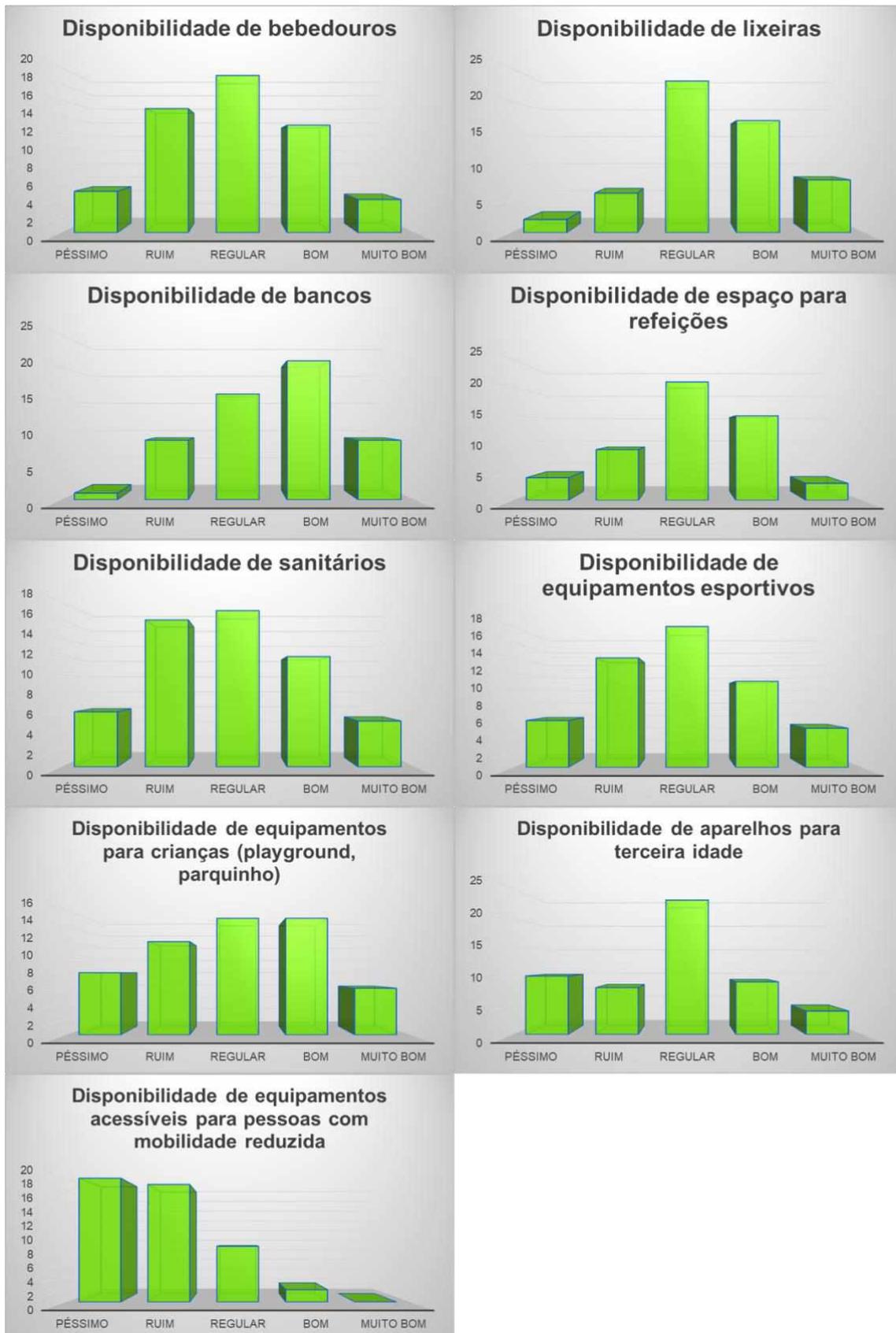


Figura 63: Distribuição de frequências da avaliação dos quesitos de infraestrutura do parque pelos membros do conselho gestor dos parques do município de São Paulo.

Com relação aos demais quesitos avaliados pelos conselheiros dos parques (Figura 64), percebe-se que a manutenção, limpeza e conservação da vegetação dos parques são bem avaliadas. Por outro lado a prestação de serviços de monitoria de educação ambiental, a conservação dos córregos e lagos e a comunicação visual nos parques recebem avaliação negativa.

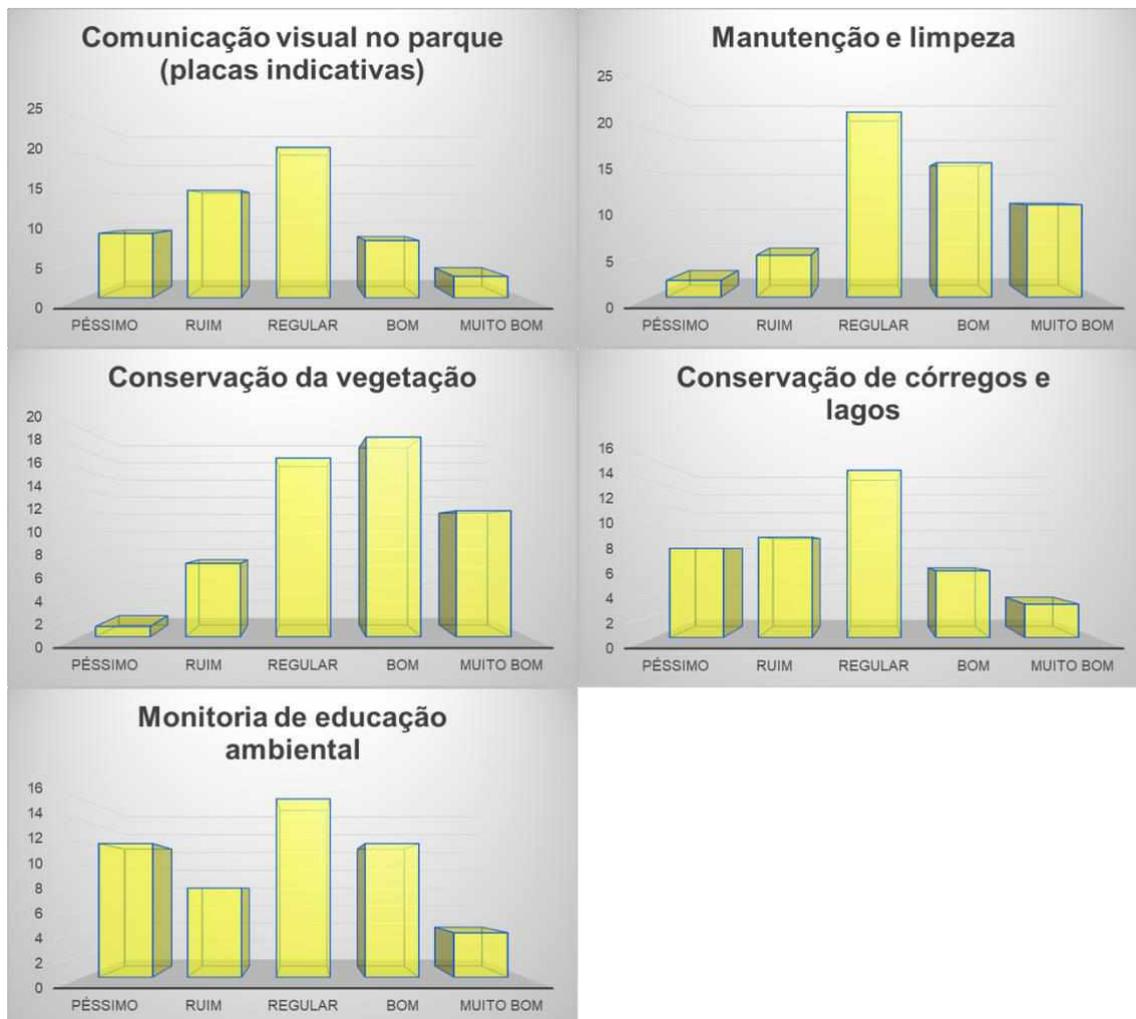


Figura 64: Distribuição de frequências da avaliação dos quesitos de comunicação visual, manutenção, conservação e limpeza do parque e monitoria de educação ambiental, pelos membros do conselho gestor dos parques do município de São Paulo.

Os principais problemas encontrados nos parques (Figura 65), de acordo com os conselheiros, foram pouca disponibilidade de infraestrutura e pouca disponibilidade de atividades culturais e de educação ambiental, ambas com 13% das respostas, áreas sem manutenção (11,8%) e a pouca disponibilidade de serviços na área interna do parque (11,4%) apareceram em seguida. Esses quatro problemas perfazem metade das respostas. O risco de queda de árvore (8,1%), lixo nos córregos ou lago (6,1%), animais silvestres em risco (5,3%) e animais domésticos soltos (5,3%) somam um quarto das respostas.



Figura 65: Distribuição de frequência dos principais problemas encontrados nos parques, de acordo com os frequentadores dos parques do município de São Paulo.

A totalidade dos conselheiros dos parques acredita que os parques trazem algum benefício para a cidade ou para a população. Dentre os benefícios apontados (Figura 66), a diminuição do estresse aparece como o principal benefício, seguido pela melhoria da convivência entre as pessoas. Amenização da temperatura e a diminuição da poluição do ar vêm em seguida. Proporcionar abrigo para os animais silvestres, a diminuição da violência, a contribuição para produção de água e o controle de enchentes surgem na sequência e por fim o aumento do comércio e de outras atividades econômicas fecha a lista de benefícios oferecidos pelos parques e apontados pelos membros do conselho gestor dos parques do município de São Paulo.

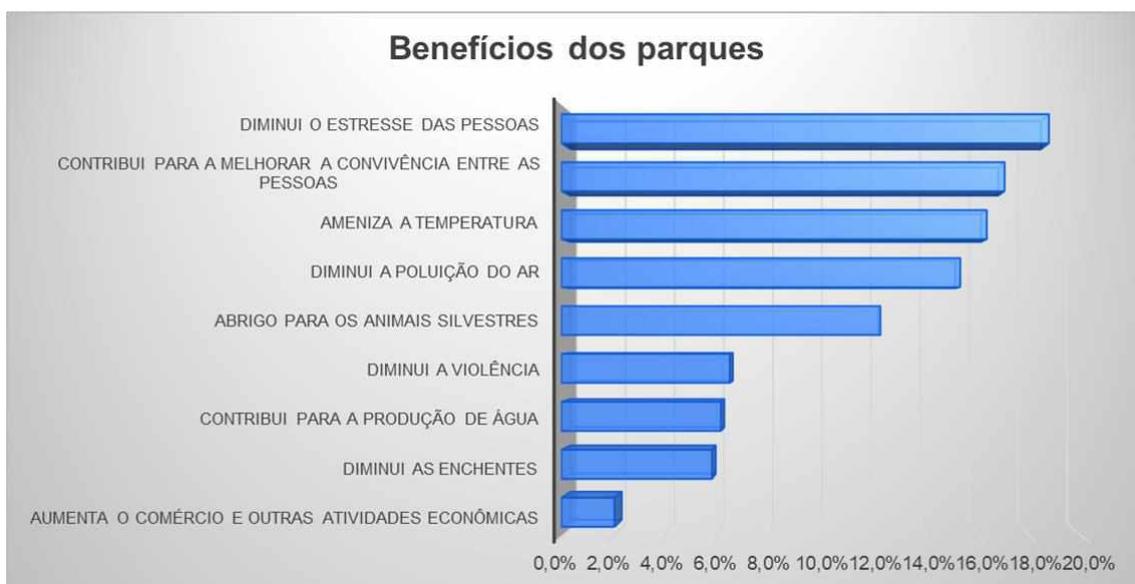


Figura 66: Distribuição de frequências das respostas dos membros do conselho gestor de parques do município de São Paulo, sobre os benefícios que os parques trazem.

Apesar de todos os conselheiros reconhecerem benefícios trazidos pelos parques para a cidade ou para a população, 23,2% não conhece ou nunca ouviu falar da expressão “serviços ecossistêmicos” ou “serviços ambientais” (Figura 67).

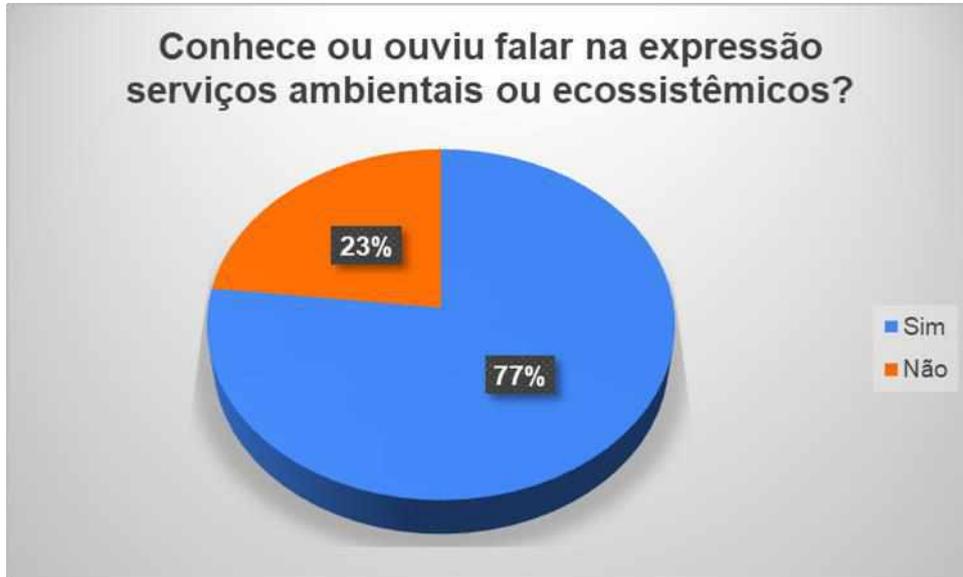


Figura 67: Distribuição de frequências das respostas dos membros do conselho gestor de parques do município de São Paulo, sobre se conhecem ou ouviram falar na expressão serviços ambientais ou ecossistêmicos.